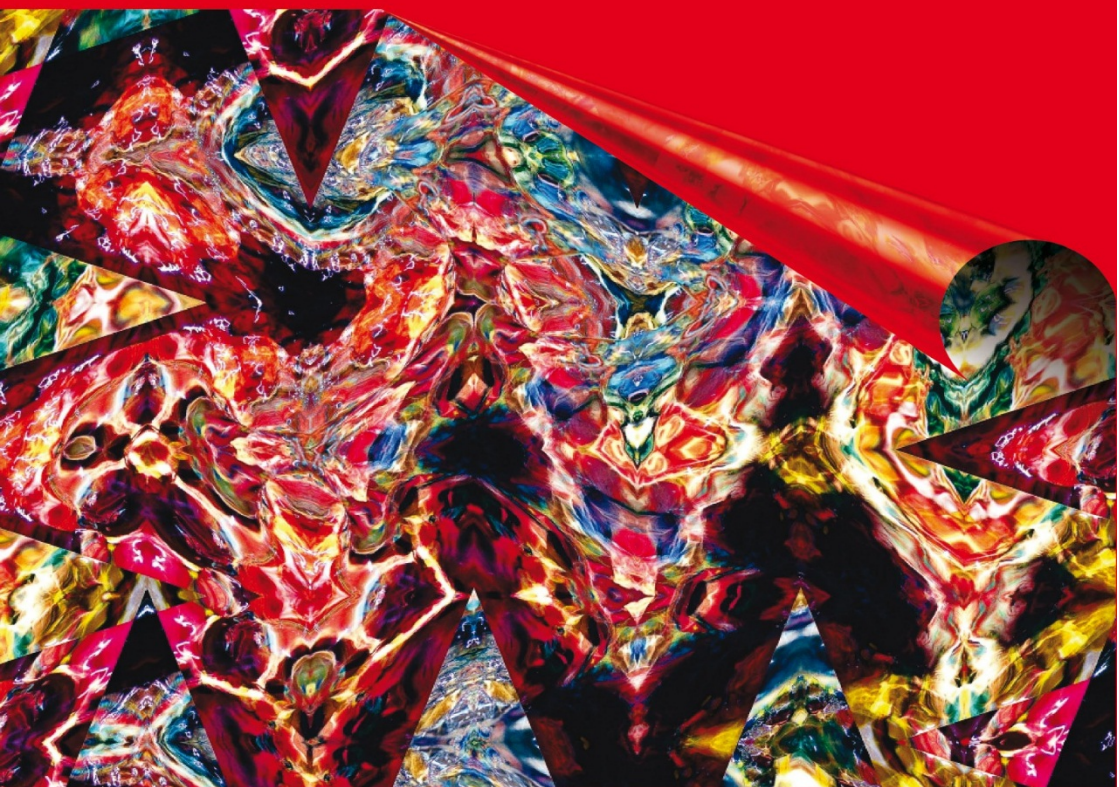


AUTÓPSIA DO INVISÍVEL



Tânia Du Bois
Crônicas

Autópsia do Invisível, o novo livro de crônicas de Tânia Du Bois, também poderia se chamar Muitas Vozes, dado o número de referências que se entrecruzam ao longo das narrativas, em geral, voltadas à experiência estética com a leitura e as artes plásticas, de entremeio às suas vivências e observações.

Referências que também revelam a fina leitora que Tânia é ao pinçar de cada autor um pouco de si, concludo-os a lhe ajudarem a deusar o invisível. Daí o título, Autópsia do Invisível, em clara remissão à crônica Palavras Mortas onde, ao citar Paulo Monteiro, retoma a tese de que as palavras depois de decalcadas em livro tornam-se palavras mortas. Mortas, até a sua ressignificação pelo leitor, socorre-lhe Gilberto Cunha, citando, por sua vez Roland Barthes.

É essa sutil narradora, digna do poeta com quem divide há anos a vida e a experiência da palavra, Pedro Du Bois, que nos toma pela mão – nós, seus leitores – para essa aventura da autópsia dos significados incrustados nas palavras, eu diria, adormecidas, até serem despertadas pela leitura e ressignificação.

Júlio Perez
Poeta e Auditor-TCE/RS

TÂNIA DU BOIS

AUTÓPSIA DO INVISÍVEL

Crônicas



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2015

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilha 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Capa: Benedito Cesar Silva

Ilustrações: Pedro Du Bois

Revisão: Marina e Pedro Du Bois

Impressão: Gráfica Editora Berthier

D815a Du Bois, Tânia

Autópsia do invisível [recurso eletrônico] :
crônicas / Tânia Du Bois. – Passo Fundo : Projeto
Passo Fundo, 2015.

363 Kb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-115-5

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras.
I. Título.

CDU: 869.0(81)-94

ÍNDICE

PREFÁCIO	9
AUTÓPSIA DO INVISÍVEL	11
A CENA	15
QUAL É O NOSSO LIMITE?	17
A COR DO INVISÍVEL (I)	19
SENTIDOS	23
PALAVRAS MORTAS	25
ESPAÇOS VAZIOS	27
DESENHO TRISTES PALAVRAS	29
SÓ O TEMPO, COM O TEMPO	31
OLHAR SEM LIMITE	33
NO SILÊNCIO DA DÚVIDA	35
CHORO	37
MEDO DE TER MEDO	39
PENSAMENTOS	41
AS CERTEZAS	43
FRÁGIL	47
QUÃO PODEROSA É A EMOÇÃO?	49
BALÉ DA VIDA	51
LAGO SEM MARGENS	53
O REFLEXO COMPLEXO EM SI: A LUCIDEZ	55
PONTO FINAL	57

A COR DO INVISÍVEL (II) 61

A COR DO MEDO 67

O FATO NA FOTO 69

CONVITE 71

AROMAS 73

O PREVISTO E O IMPREVISTO 77

NÚMEROS: CONEXÃO E DESAFIOS 79

POR UM AMANHÃ 83

ELOGIAR 85

PACIÊNCIA: LUXO OU NECESSIDADE 89

FLORES 93

DESCULPA SINCERA 95

HORIZONTE 97

O PODER DOS CINQUENTA 99

DECISÃO 103

TRAVESSIA 107

QUEIXAS 109

O FORASTEIRO 111

PRIVACIDADE: ON OU OFF 113

O BURACO 117

MAR 121

ARTE NAS RUAS 123

“ESCONDERIJOS” 125

TENHO UM CÃO, E AGORA? 127

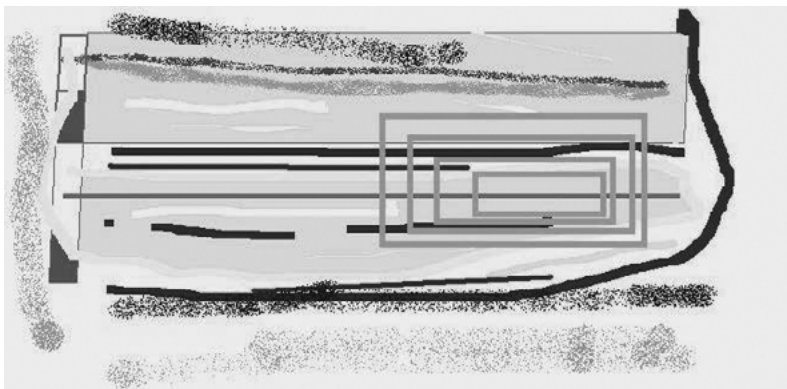
A REALIDADE COMO VÍCIO 129

A ARTE DE FAZER EXISTIR O FIM 131

Acredito
podermos autopsiar os sentidos
ao explorar o mundo em nós mesmos.

à Júlia e Luísa
que contam a vida
de forma feliz.

AUTÓPSIA DO INVISÍVEL



"... Na boca tenho mundos e nos olhos palavras."
(*Mário Faustino*)



PREFÁCIO

O escritor taxidermiza todas as coisas.

Da mesma forma como o taxidermista “mata” os seres, restando apenas o invólucro construído pela pele e sua cobertura. O escritor elimina o espírito das coisas deixando apenas revestimento inteligível: as palavras. Para esse extermínio emprega a letra. Daí Paulo de Tarso, que consegue unir pensamento oriental ao pensamento ocidental, criando o Cristianismo, afirmar que “a letra mata, mas o espírito vivifica”.

Esse assassino esconde suas vítimas num sarcófago que recebe diversos nomes que vão de manuscritos ao de qualquer espaço na Internet. E num desses esconderijos é que o leitor vai encontrar e ressuscitar as coisas e, com o *spiritus* da leitura, devolver-lhes a vida.

Wilson Martins costumava dividir os leitores em dois grupos: os comuns e os privilegiados. Tânia Du Bois enquadra-se no segundo conjunto. Lê com espírito crítico. Noutras palavras: registra suas leituras sob determinados critérios.

Em AUTÓPSIA DO INVISÍVEL: *Crônicas*, enfeixa textos sobre essas leituras, o que significa a taxidermia de textos literários, especialmente poemas. Não é à toa que recolhe excertos. Digamos: preserva a pele e os pelos dos poemas. Mas essa parte aproveitada, por um processo dialético, no exato sentido lógico-filosófico, é o espírito da obra lida, curtido com a concepção estética da leitora.



Tânia Du Bois opta pela crônica para preservar os textos ressuscitados. E aí faz obra literária. Por quê? Porque “reescreve” a obra alheia, dá-lhes um novo *spiritus*, transforma-lhes numa negação de uma negação. A *tese* (texto lido) é transformada numa *antítese* (leitura), culminando numa *síntese* (reescrita).

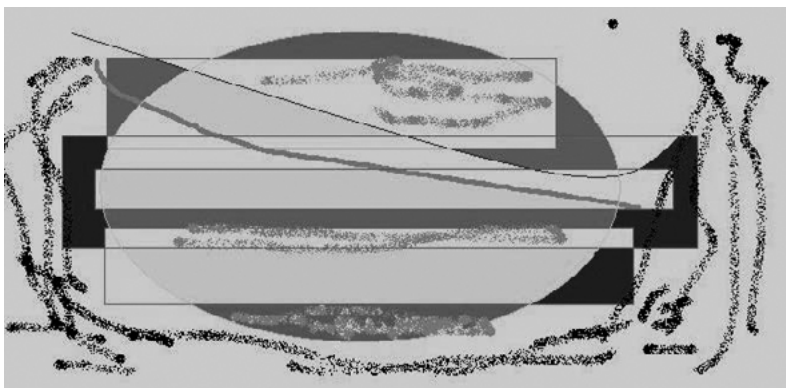
Esse processo, que somente seria possível mediante o ensaio, a educadora Tânia Du Bois consegue através da *crônica* (obra de arte literária), que no fundo, é uma *crônica-ensaio* ou um *ensaio-crônica*, dependendo de como o leitor absorve o conteúdo da leitura ou como ocorre a recepção dessa *síntese* pelo leitor. Esse pode ser o próprio autor da obra taxidermizada pela escritora.

O leitor comum ressuscitará os textos reunidos em AUTÓPSIA DO INVISÍVEL como simples *crônicas* ou, no máximo, *crônicas-ensaios*. O leitor especializado dar-lhe-á vida sob a concepção de *crônicas-ensaios*. Todos, porém, participarão desse riquíssimo e pluridimensional processo de ressurreição da letra através da leitura.

Paulo Monteiro, escritor, historiador e
membro da Academia Passo Fundense de Letras.



AUTÓPSIA DO INVISÍVEL



“... a vida delimita a arte e a arte delimita a vida.
Sem ela não há literatura”
(Carlos Vogt)





AUTÓPSIA DO INVISÍVEL

É preciso imaginação para fazer a autópsia da vida, das artes e ver o invisível em diferenciados significados, com a interferência que nutre o elo da vida, descrevendo com realidade a fantasia, onde a vida imita a arte em movimento, num encontro cultural entre a arte de ler, escrever e pintar. Com certeza existe mistério entre os artistas e os poetas e as suas obras: eles conseguem harmonizar o viver. Nas palavras de Max Martins, "*Tu me lêes / tu me vês / (talvez)...*".

Autópsia do invisível é a leitura inquieta que vejo na arte, como o movimento que renova a palavra, o gesto e o espírito. Na vida, encontro cenas que formam o jogo de metáforas reveladoras, que anunciam a história entrelaçando vidas e rasgando o silêncio, como na arte de ler que une o pensamento ao coração. Deixa a imagem ir e vir espontaneamente, com o que me entrego de corpo e alma ao livro escolhido, ao quadro preferido, e sinto o prazer tomar conta de mim. Concentro-me para manter a expressão de que o sonho é o melhor despertar.

Autópsia do invisível é conquistar a palavra em si, o registro do cotidiano no panorama dos sentidos: motor que me leva a desenhar palavras com plasticidade, criar novos sentidos ao revelar a literatura que me embala no tempo e me faz sentir bem estar no reproduzir a cultura instalada pelas palavras, que influenciam e mapeiam a vida.

Autópsia do invisível me leva à corrente da natureza poética ao revelar com sensibilidade a linguagem e a esté-



tica. Assim, a arte de pintar me oferece a verdade transfigurada em cores, traços e ideias de múltiplos significados, onde o artista usa a força criativa para transformar em imagens as nuances que me levam a compreender os fundamentos da sua obra. Miriam Postal, artista plástica, expressa, *"A pintura, a Escultura, a Palavra são interligadas. A arte e a vida prática estão interligadas... O importante é cada um buscar sua imagem"*.

Nesse encontro vejo momentos marcantes do jogo libertário, que mantém o equilíbrio entre a percepção e a beleza das cores e das palavras, em que me abro ao fluxo iluminador no transmitir meus registros que tocam o coração e a significação dos gêneros, proporcionando-me a reflexão: percebo o sentido da obra, busco a sua cumplicidade e alimento a alma.

Autópsia do invisível é o desafio de viver e cuidar das ideias e dos ideais; arte em movimento que sacode a mesmice do cotidiano. E, ainda, torna visível a importância do pensamento em trajetória de criação e significados, ao me possibilitar alternar o sentido do instante e de condensar as aspirações ao obter ressonância na memória; como demonstra Pedro Du Bois, *"Na poesia/desenho// sentimentos em palavras... /o traço exhibe todas as curvas / carrega nas cores //... na poesia/ rabisco //e o desenho se faz presente /nos olhos de quem vê"*.



A CENA

"... é tempo de tempo / que o sonho ainda existe / e que a vida é roda do mundo a girar" (Lise M.R.Fank)

Abro a porta que tem vista para a praia e vejo pulsar o ritmo do cotidiano ao se embrenhar nas águas do mar. Compartilho a paisagem quando mergulho no reflexo do espelho. Não há conceito, apenas imagens que ocultam minhas palavras. Não há espelho, há o reflexo da consciência em que o pensamento me persegue em instante de liberdade. Como revela Gilberto Mendonça Teles, *"... No seu espelho a realidade / se vê mais espessa e infinita, / porque ali o tempo se bate / no centro da árvore da vida"*.

Nesta fresta a memória soa como eco entre uma palavra e outra; uma lembrança e outra; um pensamento e outro. Sorvo o ritmo do ar marinho ao olhar para o barco deslizando; como em Jaime Vaz Brasil, *"... Quando a palavra / amanhece // desaba / e fusiona tudo // à fenda de um pesadelo / que espia seu conteúdo"*.

Sem história, costuro o horizonte em seu infinito percurso e partilho a praia com o albatroz. De uma forma ou de outra, retiro a máscara e renego o que o vento demarca. Então, volto ao dia a dia onde encaro o sonho como sonho. Regresso em meus sentimentos e recuso a paisagem, o barco e o mar que trama em ondas. Espantada, acordo!





QUAL É O NOSSO LIMITE?

A pergunta provocativa norteia a vida. O desejo é o mais consciente dos sentimentos; ele forma a teia de expectativas que aos poucos alastra a alma para alcançar ou ultrapassar o nosso limite.

Faço dessa pergunta o mote das intervenções. Com ousadia, endosso as artes, por exemplo: o compositor Noel Rosa, pela excelência de suas letras e músicas e, por sua postura inquieta, explorou ao máximo os recursos da tecnologia – no caso, o rádio – para levar ao maior número de pessoas a sua produção. Chegou ao limite quando foi considerado o patrono da inovação na arte brasileira.

Algumas pessoas são metamorfoses ambulantes; em busca de seus limites se tornam incomparáveis e têm suas quebras de paradigmas em áreas que transcendem ao cotidiano. Isto se dá por razões que nos permitem arcar com alto grau de visibilidade e criatividade. Assim, é possível meditar sobre o que mudaria a nossa visão de mundo, para saber qual é o nosso limite. Como demonstra Paulo Monteiro, *"jamaís serei poeta apenas sou /um simples operário que procura/ de si por seus irmãos compor as dores/e o pranto e o desespero e a vil tortura..."*

O escritor demonstra o limite de forma criativa e brilhante, que é o perfeito artista que faz referências a épocas e fatos; mostra os rastros do tempo ao espalhar suas palavras ao vento e o seu limite, no modo com que representa os símbolos da linguagem: atemporais e universais. Nesse sentido, a descrição e a composição vêm acompanhadas



da solidão, ancorada na imaginação pelo fazer literário. Encontro Manuel de Barros que explora o simples e o tem por limite no transgredir, na poesia, como demonstra em *"Desbiografias //Bernardo morava de luxúria com a sua lesma./Não era fácil ficar ao seu lado sem receber algum contexto de lesma./ Nossa linguagem não tinha função explicativa – mas só brincativa./Tipo assim: Eu vi uma pedra emocionada de borboletas.../ ... gente queria com as nossas visões afastar do bom senso o que fosse racional./E cair no absurdo que faz a beleza da poesia: tipo assim: Nós vimos um sapo ajoelhado/ no próprio abandono..."*

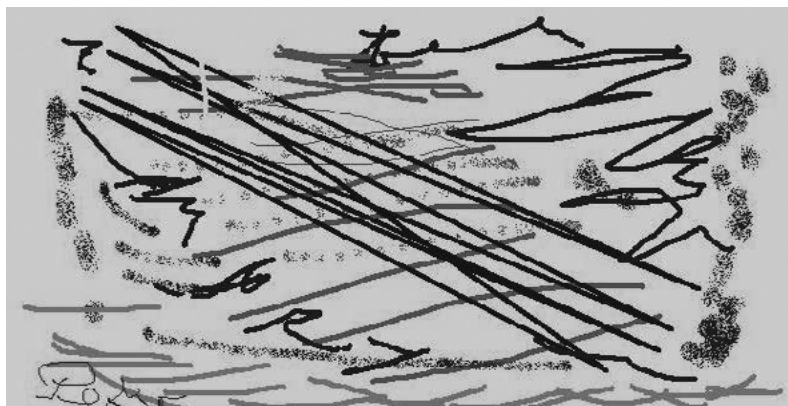
Até que ponto temos consciência de que estamos no limite? Talvez o pensamento expresse a construção e a desconstrução das palavras, dos sentidos, enfim, do viver e exercer nossa humanidade. Penso que o nosso limite está atrelado a inúmeras páginas de experiências e rascunhos de ideias, que podem reescrever os mistérios da vida. Helena Rotta de Camargo afirma, *"Quem disse que o céu é o limite estava equivocado. O limite é o amor, com seu séquito de benquerenças"*.

Criar é um dos segredos para a constante mistura de satisfação e limites, que nos consome com a certeza de mudar a realidade (sempre tão complicada). A realidade, ao mesmo tempo em que provoca a nossa exaltação, faz com que, definitivamente, não possamos conceber a vida sem sermos abraçados pelo nosso limite.

Para saber qual o nosso limite, basta não desistirmos dos ideais e das ideias; é na diferença que crescemos, transformamos e corremos atrás das obras literárias, que nos fascinam por ultrapassarem os limites do cotidiano ao misturarem as vozes que tecem e entrelaçam trajetórias ilimitadas.



A COR DO INVISÍVEL (I)



Simbolicamente, sentimos o prazer da permanência e da continuidade da vida.



A COR DO INVISÍVEL (I)

O pensamento é visível? Pensamos em quê? Pensamos no nada? A vida assegura a ideia de que o pensamento é invisível. Nada é totalmente vazio. O pensamento avança, retrocede, hesita, desaparece e reaparece na imaginação, arrumando e desarrumando o imprevisto dos gestos e das palavras; para Thomaz Alborno Neves, *"Vês/o que/sentes//És o lago do olhar /na ausência dos olhos"*.

O pensamento é invisível aos olhos da morte, pois, não a carrega, não é seu instrumento, nem mata.

O pensamento é invisível aos olhos dos sentidos: mãos que se tocam, fluem sem retorno ao perderem o sentido do outro. Thomaz Alborno Neves demonstra, *"És /ouro/onde não há luz//Dormes no cristal escuro/Um fio de relva divide a transparência"*.

O pensamento é invisível aos olhos da confiança que, por desencargo de desconfiança, não admitimos na licença da fidelidade.

O pensamento é invisível aos olhos da vida, que nos espantamos por olhar a luz e vivermos no escuro como, ainda nas palavras de Alborno Neves, *"... O que se vê é o eco do que não é visto"*.

O pensamento é invisível aos olhos do tempo; ao presente cabe a conta das injustiças, quando o tempo cai sobre todos em notícias, queixas, desamores e despalavra e, segue Alborno Neves, *"Ao gesto / tens o corpo / de luz / onde chove // Do escuro te contemplas"*.



O pensamento é invisível aos olhos da lembrança: a vida desfila em palavras, onde o mundo das artes pode ser visto nas cores do sangue, do sol e do mar.

O pensamento é invisível aos olhos do coração na devolução da alma, na pausa do silêncio, num rebrilho da luz. Como escreve Neves, *"tua luz/dissipa / as formas //No lago de calor/sou acorrentado"*.

O pensamento é invisível aos olhos da paisagem; leva e traz os sentidos e também regressa com o olhar da despedida.

O pensamento é invisível aos olhos do silêncio quando esquecido ou lembrado, preso no instante em que é desenhado pela mente, como Albornoz Neves retrata, *"Sommes/no silêncio//És o que te sonha"*.

O pensamento é invisível aos olhos da confissão quando chegamos ao limite expirando e desfolhando o ato que grita ao descaminhar o nada para o querer ensurdecador.

O pensamento é invisível aos olhos da mentira que nos encaminha para o nada e nos leva a lugar algum, beirando a margem da sombra; como, ainda, em Albornoz Neves, *"É dia//no centro/da luz/raias //A luz é tua sombra"*.

O pensamento é invisível aos olhos da memória, pois, o silêncio vela a memória; gestos recriam a memória; a música inventa as suas cores e as palavras dão entonação à memorizada voz.

O pensamento é visível no estalar dos vidros; na inocência e malvadeza; na descoloração das árvores e nas luzes que revelam outras vidas em imagens, fotos e perfumes; então, vemos pessoas desembrulharem os nós e converterem o pensamento em gestos e ideias para a vida. Como refletido por Tanussi Cardoso, *... uma coisa é esperar; outra coisa é acontecer/ uma coisa é rezar; outra coisa é crer/ uma coisa é chorar; outra coisa é doar/voraz é a verdade dos vinhos esmaecidos /feroz é a idade – futura – não – acontecida/ ...viver é crer que se quer viver! /É voar nas asas dos pássaros, sem sangrá-los!..."*



SENTIDOS

para Sória Dipp

*"Não sei se a vida é curta ou longa demais para nós.
Mas sei que nada do que fazemos tem sentido, se não
tocarmos o coração das pessoas".
(Cora Coralina)*

Sinto a casa vazia. Lembranças brotam em mim. O silêncio se espalha. *Vultos* correm para cá e para lá. Ouço passos e risadas. A batida do coração é forte. Sinto o momento no tempo, como em Álvaro Moreyra, "*A ausência enche a casa toda.*" Nem se foram e já sinto saudades. Canto e brinco de roda como se ontem fosse: revejo a filha nas netas.

A alegria conduz a vida na passarela, na semelhança do andar, dançar e falar. Ela dignifica e reverte o tempo que sinto parar, em sonho. O carinho, o abraço, o beijo. Sinto o amor que glorifica o meu estar aqui e agora.

As flores amarelas colhidas com suas pequenas mãos. Lindas como seus sorrisos. Iluminadas como seus corações. O vaso da tataravó. As flores ficam... Sinto a casa repleta de alegres vozes. As lembranças são poderosas sensações que me fazem conviver com o tempo, sem contar que se irradiam pelos momentos e fortalecem os meus dias; a leveza da poesia de Helena Kolody



me acompanha: *"Tudo o tempo leva./A própria vida não dura./ Com sabedoria,/ colhe a alegria de agora / para a saudade futura".*

Resgato velhos sonhos onde posso aproveitar as expectativas, como também os espaços vazios e me recuperar no *"ser para o próprio ser"*, como em Álvaro Moreyra *"... Criará gente do coração bom, cabeça risonha. Gente que discuta apenas para não parecer que está só... Para distrair as horas vagas..."*

Falo... Tudo está na minha cabeça, e isso ninguém me tira. Não tenho medo; ao contrário, há muito blá, blá, blá. Mas, quando tenho de escolher, os sentidos se manifestam. Então, começo a mentir para mim mesma.

Nesse momento a vida exige carinhos e sinto a necessidade da escolha para manter a felicidade. Olho para o passado e tento compreender o presente como oportunidade para mudar o destino. Minha palavra de ordem: quero voltar para casa.



PALAVRAS MORTAS

para Paulo Monteiro

Escolho os livros e me deparo com autores de vários estilos, sinto que são sensíveis, criativos, imitadores da natureza e aprendizes do tempo. Eles têm hora marcada comigo, na minha leitura. Às vezes, deixo de fazer algo da minha rotina para continuar lendo e, conseqüentemente, vivenciar as palavras.

Sempre me pergunto o que significa talento. Nílto Maciel responde que *"são chamados de escritores talentosos aqueles que em vez de ter vida social, preferem livros. Nada inventam, porém sabem descobrir modelos (que a maioria nem percebe), artifícios de linguagem, entradas e saídas (labirintos), técnicas de narrar e compor poemas..."*.

A ideia é a respiração do autor na imaginação do leitor como possibilidade individual para encontrar resposta para um dos maiores mistérios do universo: o que há por trás do pensamento?

O escritor e historiador Paulo Monteiro diz que quando o autor coloca as ideias no papel elas se tornam palavras mortas. Essa perspectiva leva ao entendimento de que o leitor ressignifica o caminho histórico e reflexivo entre o passado e o presente. Também, referencia os conceitos de liberdade e expressão, chamando a atenção para os valores e a acolhida das palavras, na conquista para transformar a razão em viés intelectual, transfigurada na busca entre vozes em leituras de visibilidade, onde a retó-



rica do escritor é o mundo na representação do exercício para a definição da verdade. Encontro no ensaio de Gilberto Cunha, *"O nascimento do leitor"*, Ronald Barthes com *"A morte do Autor, O nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor"* e, Gilberto Cunha completa que *"É o leitor essa figura que surge com a morte do autor, que vai dar a um texto as suas múltiplas significações"*.

A voz do leitor evidencia que a liberdade de expressão fornece bases para a fundamentação consistente no entendimento do significado e do resignificante na palavra, intimamente, conectada à cultura. Nilto Maciel expressa, *"... tudo existe por uma necessidade. Nada se cria para ser inutilidade. Mesmo aquilo que alguns (ou a maioria) abominam... A linguagem também cria ou recria continuamente, por necessidade de comunicação"*.

Assim, o autor assume a construção e o ineditismo no modo como explora o assunto ao desenvolver o pensamento: palavras mortas que por sua vez reforçam a escrita como ponto de referência. Segundo Cunha, *"... a relevância de um texto não resistir em sua origem (o autor), mas sim o seu destino (o leitor)"*.

Talvez seja pertinente refletir o mundo como livro a ser reescrito; como se pudesse haver tal mundo à parte da obra, embutido no inverso sentido, no eclodir a culminância da linguagem frente a versões cerceadoras, fosse manifesto de impressões. Na visão de Gilberto Cunha, *"autor morto, leitor posto... apagou a leitura do autor em proveito do escritor, que morre ou encerra seu papel quando o texto é posto em circulação..."*

As palavras mortas se inserem na vida do escritor e do leitor, através do talento de cada um que, por sua vez, reforça o caráter, a criatividade e a responsabilidade pela construção, ao levar as palavras para reforçar, na leitura, a predisposição para a participação do leitor nas ações reflexivas do autor. Como demonstra Paulo Tarso, *"a letra mata, o espírito vivifica"*.



ESPAÇOS VAZIOS

Preencho os espaços com a poesia de Pedro Du Bois, *"... a morte entalha os caminhos / e nos carrega em lembranças //... na falta que fazemos ao tempo não decorrido / reside a dúvida da continuação / em vazios espaços não percebidos."* E, Egberto Penido, *"... Na liberdade do instante.../ a atração do vazio,/da ausência,/o fascínio do nada..."*

Espaços vazios são expressões que revelam os sentimentos. Através dos gestos o homem se manifesta em derrotas e vitórias, impulsionado pela liberdade, que no caso é instrumento da alma desnudada diante dos espaços vazios, como demonstra Alberto da Cunha Melo, *"Quando estamos muito mal, / chuva e sol, / noite e dia / desaparecem /.. no espaço vazio..."*

Quando penso na razão pela qual alguém determina a hora da verdade ou abre as portas, talvez haja algo dos ditos espaços vazios a desempenhar o papel em tudo que o homem vê ou sente em relação à essência que retorna em solidão, onde épocas e lembranças morrem em mistério. Como em *Lembranças... As amargas não*, de Álvaro Moreyra, onde as palavras revelam que o gesto é a sombra que leva as nuvens e irmana as asas, preenchendo os espaços.

Será que mandar na própria vida é questão de espaço vazio ou de preencher o vazio espaço? As razões me encaminham para o *ser* e, ao entender os fatos, acredito que posso ocupar o espaço vazio com palavras, pensamen-



tos e sentimentos, como mostra Helena Kolody, *"Existia no espelho.//Súbito / buscando sua imagem,/não mais se encontrou/no espaço vazio"*. Mesmo antes de perceber o lugar dos sem lugares, o caminho dos desalentados, a palavra da *despalavra* e o sim de um não, deixo como mosaico na história o espaço não preenchido, não percebido no questionamento do resultado ao sentir o impacto sobre o *"na falta que fazemos ao tempo"*, como em Getúlio Zauza, *"Teus olhos estão vazios de lágrimas;/teus ouvidos cansados de promessas vãs;/ tuas mãos estão vazias de gestos /e o teu peito está de afeto.// Tua vida está vazia de esperança/e tua alma não tem mais fé./tens estômago vazio de alimento,/ o coração cheio de desespero/e o cérebro vazio de pensamento..."*

Espaços vazios são tendências no mundo moderno, onde em cada ilusão perdida percebo não ser possível a correspondência entre as pessoas ou, quando me torno obsoleta, chego até mesmo a mover o tempo das canções do meu viver, restando na possibilidade de renunciar ao vazio do espaço, por que o respirar é ontem e me faltam lembranças.



DESENHO TRISTES PALAVRAS

É preciso ser criativo para abrir caminhos ao desenhar tristes palavras mostrando que a vida imita a arte, como em Carlos Higgie, *"Relato amarelo de uma jovem que envelheceu pensando que um dia, quando a coragem inflasse seu ser, saltaria da janela para o fundo do poço e veria o outro lado, o verdadeiro rosto do mundo."* Ele desnuda a cena de amor com palavras agonizantes, inquietas que, por vezes, não conseguimos dizer. Revela a vida em cenas que formam jogos de metáforas em suas sentenças, ao anunciar o outro lado da história, entrelaçando e rasgando o silêncio na tristeza. Nas palavras de Carlos Pessoa Rosa, *"... sem o vento/o silêncio devolve ao poeta o deserto/das ruas..."*

A palavra triste contém diferentes significados, com interferência nos mistérios dos sentidos, que prendem os elos da vida e espalham a agonia ao descreverem a fantasia em realidade. Apenas o escritor é capaz de desenhar tristes palavras em oferta mágica ao lançar olhares sobre o coração que caiu na rotina da emoção e se esvaiu ao vento, como Pablo Neruda, no livro *Posso escrever os versos mais tristes...* Gilberto Cunha revela que *"Acima de tudo, aceitar que não é a razão que nos leva à ação, mas a emoção. A emoção fundamental que define o ser humano é o amor"*.

O curioso é que qualquer sentimento pode despertar o escritor e torná-lo *especial* no entretenimento, mesmo desenhando tristes palavras, assim, em Carlos Higgie, para quem *"O tempo é longo e destrói os caminhos, explode*



pontes, lacra as portas: não há retorno. Sobra um manto de silêncio e desesperança”.

O autor constrói à sua imagem e a demonstra no texto que pontua a sua obra. Igualado à tela do pintor, onde várias mãos de tinta, em pequenos e rápidos gestos, mudam o resultado. O atrito na vida, os encontros e os desencontros amorosos, no compreender-se e compreender o mundo são motores que levam o poeta a desenhar palavras tristes; ele se reescreve e impressiona em seu significante; jogo semântico que com plasticidade cria a pluralidade dos sentimentos, tal nas palavras de Augusto dos Anjos, *“O homem por sobre quem caiu a praga/Da tristeza do Mundo, o homem que é triste/Para todos os séculos existe/E nunca mais o seu pesar se apaga!”*

Desenhar palavras tristes é conquistá-las em si, no registrar fatos decorrentes dos atos e usar a linguagem singular e própria no panorama dos sentidos, como em Sonia Regina, *“...escreves em minha pele, já vento,/sopram os teus dedos no meu corpo,/em meus lábios desenhos o sentido...”*



SÓ O TEMPO, COM O TEMPO

*"Por ti / reinvento / o perfume das árvores."
(Fernando Aguiar)*

Não fui ensinada a refrear o tempo; querendo ou não, sinto a sua passagem. Como fazer de conta que ele não existe? Como ignorar o tempo ao me olhar no espelho? O certo é conviver com ele e procurar as suas vantagens. Mas, quais seriam as vantagens?

Ao ler, sinto-me espectadora do tempo, com a funcionalidade da mudança histórica. Participo da paisagem que se transforma na revelação das vantagens que só com o tempo poderei explicar. Pedro Du Bois argumenta que o *"tempo é a nossa verdade, ele não nos pertence"*, e que *"há o tempo de plantar e o tempo de colher"*.

O tempo reflete o comportamento e atinge os talentos da literatura; articula e garante a presença dos escritores, através de suas obras, com efeitos de que só o tempo e com o tempo viremos a conhecer.

Atualmente, o mundo se comporta como imensa biblioteca onde tudo é reaproveitado, ressignificado, reutilizado, repensado, reencontrado, recriado, reaprendido e tantos outros *RE*. Só o tempo cria, produz e se compromete com as palavras; até se torna literatura, quando nasce e se desenvolve em diferentes épocas e sociedades. Lise Maria Fank escreveu que *"Ontem,/portas e tramelas,/latidos*



de guaiecas,/ cautelas de antigamente.// Hoje, / portões eletrônicos, /cercas elétricas,/cães amestrados/e o medo de gente”.

O tempo traz lembranças do que vi e li. Amplio a ideia e, por consequência, reinvento a história. Só o tempo mostra que o leitor percebe o reverso das palavras, como coloca Almandrade, *“O/pré-/go/pre- / ga,/o/tempo/des/prega”.*

Não esqueço o tempo que carrego nas mãos, nas lembranças, no ressignificado do desejo de criar, sem me subtrair à passagem entre os sentidos: sim e não, doce e amargo, autor e leitor, ator e espectador. Ousadamente recarrego as ideias e as reescrevo, quando me aproprio da memória visual, sonora e textual, para rever de outra forma a vida.

Quando reaproveito a ideia, tenho fatos para estampar na página e sobreviver no tempo do *RE* (alguma coisa), como força de expressão, onde só o tempo e com o tempo posso me libertar; como encontro em Clauder Arcanjo, *“... Tudo se renova naquilo/Que nos encanta e espanta”.*

Só o tempo é referência para a terra da boa literatura. Ele corresponde à necessidade social, onde as relações se caracterizam pelas normas entre o autor e o leitor *versus* a criação, que os diferencia em traços específicos, de acordo com o tempo que move a terra pela curiosidade, alegria, choros e amor que todos querem reler.

Reencontro em Dagmar Destêrro que *“O tempo jamais nos espera// Não basta apenas viver;/ É preciso sentir a vida/ Em sua essência;/ vivê-la em profundidade./ Analisar as pedras do caminho.../ Pensar com realidade// ...Para não correr o risco/ De ficar para trás/ Alimentando fantasia”.*



OLHAR SEM LIMITE

*"Os olhos são da alma as janelas, / Refletem do interior
as emoções, / Mostram o furor das íntimas procelas / E
algo do que sentem os corações..."*

(Mário V. Da Costa)

Olhar é palavra chave para entender que, às vezes, preciso buscar na reflexão o que existe em mim que, muitas vezes olho e não vejo, faço vistas grossas por medo ou tristeza. Pedro Amaral diz que, "*...meu olhar é triste: //...É tristeza (assim veja) / De alguém que viu/ ...E não deteve o espanto.*" E, no romance *O Homem Que Olha*, de Alberto Moravia, "*...Silvia não fala, fixa-me com olhos arregalados, mas parece que não me vê...*"

O olhar é mais do que postura e atitude que revela como olho no determinar o que procuro e persigo. É momento em busca do desvendar e enxergar novos rumos. Encontro n' *O Dia nos Olhos*, de Álvaro Moreyra, "*Acordei com o dia nos olhos. E até agora tenho sido um cartaz de bom humor... Olhei, agradecido, as areias, as árvores, as janelas, as nuvens. Nunca vi mulheres tão bonitas!...*"

A graça da vida está no olhar sem limites e procurar sem tréguas algo e alguém que me leve a crer que o desejo é a miragem da perspectiva esperada. Trago na lembrança muito do que vi desde a infância, em que certas paisagens



ficaram arraigadas. A imagem que me vem à mente é a releitura do meu olhar sem limites, que derruba a incerteza e me seduz no redescobrir a beleza e o significado da vida; com isso, renovo as energias e aumento a minha capacidade de realização, como em Augusto Branco, "*... A beleza está nos olhos de quem vê... O mundo é o que você enxerga, mas principalmente o que você quer enxergar e o que você quer fazer dele*".

Olhar sem limites é olhar para o interior e decidir o que é importante na vida; olhar a paisagem e recompor as imagens saborosas; ato capaz de iluminar a emoção que encontro nas palavras, como no livro de poesias de Miriam Portela, *No Fundo dos Olhos*.

Só que os tempos são outros, de diversidade, flexibilidade e artes. Estou pronta para olhar (sem limites) as novas paisagens? É próprio das pessoas vislumbrar o futuro; lembro-me de Jaime Vaz Brasil, em os *Olhos de Borges*, "*... (onde o parto dos escritos/não nascidos pelos olhos?)...*"

Muitas vezes olho e não gosto do que vejo, causo-me inquietação e insatisfação. Cada olhar, nesse sentido, altera a emoção e a mente fica sobrecarregada de preocupações; posso dizer que hoje estou *estressada*. Em Lígia A. Leivas, "*Um olhar que se despede, perpassa a porta entreaberta...*".

Em vez de ficar paralisada, procuro olhar para o outro lado da porta na sensação de ser visível, de ver o colorido da natureza e me abrir em opções. A palavra de ordem é olhar sem limite para ver o mistério revelado e obter as conquistas desejadas na vida pessoal. Benedito César Silva pergunta, "*Só com olhos de poeta é possível ver?*", e Murilo Mendes responde, "*Meu novo olhar é o de quem já sabe/ Que a alegria e ventura não permanecem...*".



NO SILÊNCIO DA DÚVIDA

*"Não era o poema uma secreta transação,
uma voz respondendo a outra voz?"*
(Virginia Woolf)

Nada é pior do que o silêncio da dúvida. Odeio a dúvida! É comum passarmos por períodos de dúvidas. Mas, qual a razão para tantas dúvidas, senão a fantasia do viver o amor, o sucesso e o medo, contribuindo para as preocupações do dia a dia e a falta de dinheiro? Gilberto Cunha pergunta: *"Quem somos nós? – Difícil ter clareza de que aquilo que somos, em um dado momento, não pode ser dissociado do nosso entorno (coisas e pessoas); ou, "Porque os sabiás cantam?"*

Tentar compreender a influência desses fatores pode trazer de volta a certeza. A comunicação, o cuidado ao falar sem julgamento prévio ou precipitado tem efeito mágico no silêncio da dúvida. O desejo de liberdade - não cobrar e nem impor atitudes - revê a dúvida para se identificar. Trocar ideias com os amigos sem perder a poesia, resolver os imprevistos e com eles a dúvida do sim e não. Resolver pendências e se colocar à frente da situação pode não evitar a dúvida, mas, impede alguns incômodos. Resolver as diferenças em vez de cultivá-las, faz desaparecer a dúvida. Carmen Presotto diz que *"A vida é esta dúvida/que agora me pergunta //- onde caibo em ti?"*



Quantas vezes suspiramos dúvidas em silêncio? Qual o segredo para se libertar de antigos padrões e ganhar autonomia para superar a dúvida? Ao esclarecer as pendências, evita-se o silêncio da dúvida e o confronto com os desafios: amar a si mesmo para ser amado; concentrar-se no objetivo e planejar é buscar recursos para a decisão. Manoel de Barros reflete, *"... Pois como não tomar banho nu no rio entre pássaros?"*

No silêncio da dúvida a verdade muitas vezes tem gosto de sal grosso ao descobrirmos que, para acreditar, é necessário construir o pensamento tendo a certeza como princípio, transparência e aceitação, por que quando estamos em dúvida os valores servem de escudo e irradiam a visão claríssima da certeza e da energia criadora.

Tudo se define ao rever o modo como lidamos com a dúvida: *"na dúvida, não ultrapasse"*, ou ao não se fechar entre os dias, o que depende da habilidade para enfrentá-la: fase marcada por mudanças, na visão de Antônio Olinto, *"... Por que ter/ser Determinada forma/pele/capa / De vida... // Nu, frágil e só,/Desfazer o nó/Das coisas?"*



CHORO

É preciso ter a paciência que aprendemos com o tempo, quando abro a porta e tenho a visão que se choca com o meu espanto, no choro de uma pessoa. Fico ao lado da porta imaginando ouvir o choro em desordenados sons no repassar a mágoa do instante ao revelar em fio de voz o sofrimento e a dor transferida da alma, como ferramenta de consolo. Segundo Mia Couto, *"Triste é escolher entre o mau e o pior. Entre a realidade e o sonho, qual deles preferir?..."*.

Quem chora tem sua hora de dor, do medo como explicação do valor do tempo, onde palavras soam a verdade em reforço da vida. No mundo só se aprende a verdade quando há a súbita perda do sentido na presença do des-caso. Não se sonha sem a lembrança que aconchega as imagens dos retratos no tempo, tal em Lima Coelho, *"Na imaginação/Em teus mares/Naveguei/ Nas ondas da emoção/Aportei / Nas palmas/De tuas mãos/Chorei..."*.

Atravessamos os atalhos do tempo nos degraus das razões do choro com a leveza do conforto, por que guardamos, entendemos e ratificamos a infância e a morte como páginas mal rabiscadas no poema triste que em cada palavra represa as lágrimas, como demonstrado por Lúcio Lins, *"Não tenho horizontes/tenho sonhos à vela//e a tempestade da história..."*.

Quando choramos o tempo vivido, sentimos a estranheza não sair da memória, de tal modo que não sabemos exatamente como sentimos o coração. Momento em que a



vida só se torna suportável por que os pensamentos “conversam” com os sentimentos. A tristeza se instala quando não encontramos o passado e inexistente o tempo das impressões das carícias no lusco fusco do por do Sol e, com ele, a saudade.

Semeamos luzes com a paciência com que sentimos os nós do tempo, ao redesenhar as tardes em que o tempo grita por respostas e começamos um desses prantos que revelam a indecifrável tristeza que estremece a visão do horizonte. Nas palavras de Cacaso, “... Ó realidade, /há séculos eu te procuro!/ Nas regiões do dia e da noite/sou lâmina que respira...”.

O choro desarruma a alma, desfaz a verdade e revela a emoção com que nos flagramos no sentimento que inviabiliza tempos de encantamentos. Espantamo-nos com o tempo iluminado apenas pelo silêncio da voz alterada pela tristeza e com o olhar ausentado da vida.

Em momentos, o choro se torna sombra no redescobrir o sofrimento ao enfrentar, abrir a porta e sentir a luz que nos impede de atravessar o cinzento mundo.



MEDO DE TER MEDO

*"fim de domingo / ao som da TV // a vida pelo ralo /
desperdício de ser"
(Frederico Barbosa)*

Medo de ter medo, de estar desprovida de ideias, de recorrer ao velho hábito de ligar a televisão e assistir sem participar. De não ter e nem ouvir a melhor história de todos os tempos, em troca da TV. De não compartilhar nada de agradável com quem pode me fazer companhia.

Luiz Coronel alerta que *"A TV/é a vida/em máscaras contidas.//A TV/é uma metralhadora giratória/A câmara dispara imagens, estórias... //A TV/ é a verdade entre aspas"*.

Medo de ter medo de ser condicionado pela imagem e palavras, de permanecer estático ante o ilusório, sem prestar atenção, fascinado pela própria obsessão, não percebendo que esse hábito se transforma em solidão, como em Pedro Du Bois: *"... Sem futuro//...sós/sozinhos/ isolados / indeterminados //não desligamos a televisão"; "Nem mais um sussurro.../apenas a televisão ligada/ e mãos nervosas trocando de canal, trocando de canal."*

Medo de ser um jogo alucinatório – de um canal para outro – desencadeando sentidos que possam cobrir a razão. Álvaro Pacheco ressalta, *"No espelho / as imagens da noite/ e, por trás delas,/ a televisão: //... a concupiscência exata /atrás do espelho/que se esconde da noite/ na televisão."*



Medo de ter medo de não aproveitar o tempo com as obras que os escritores oferecem para conhecer o medo através da arte e da literatura. E de reconhecer uma paisagem apenas pela televisão. E assim, me tornar um consumidor com carência para o bem viver; como na visão de Arnaldo Massari, "... *O cultural e a cultura estão nos sebos. Contudo, na casa de cada um, a TV aberta ensebando ao que existe de pior...*".

De que, perdidos os gestos, onde me alheio, possa encontrar argumentos para desvendar o medo de ter medo?

*"...pensamos reconfortados
não há de ser hoje
que este mar
nos tragará".
Júlio Perez*



PENSAMENTOS

O que quero para a minha vida? Penso no que preciso mudar em minha vida.

Um truque para driblar o pensamento é lhe dar ares surpreendentes, como abrir mão de algo para ter a vida com raízes; sentir o cheiro do café; ver o dia ao contrário; escolher as cores; folhear páginas e agrupar dados literários, considerando autor, estilo e gênero do livro. Quando me encontro, coisas incríveis acontecem: o segredo do pensamento é revelado. Nas palavras de Carmen Presotto, *"Se sou o que,/onde está o que sinto?//... silêncio!//Ajude esta mão a caminhar pela vida."*; Gilberto Cunha pergunta *"Que é vida?... A característica chave de uma rede viva é que ela produz continuamente a si mesma... E o processo da vida é, em essência, a cognição (o processo de conhecer)... Em que se exige uma concepção diferente e inovadora de mente..."*.

Penso todos os dias em realizar meus planos. Sinto, pondero e compreendo a falta de tempo. Tenho a intenção e a ação. Coragem e tenacidade para o papel a desenvolver na vida. Audácia e temor para me dedicar à fantasia e aos fatos, com criatividade e a finalidade de aproveitar a natureza. Com otimismo, me renovo, mas nem sempre a vida prospera como planejado, como na dúvida de Octavio Paz, *"... - a vida, quando foi nossa de fato?/ de fato, quando somos o que somos?"*.

Penso ter o carinho necessário para reescrever o mundo e ser o ilimitado espírito para enfrentar, me apro-



ximar e redescobrir o caminho no reencontro do sonho, mesmo após a partida.

Penso que ao partir a tristeza invade a mente e, mesmo assim, preciso da lembrança, por que estou com medo. Só o tempo ensina a contornar o pensamento e a vontade de gritar: quero ser feliz! Raymundo Neto ressalta, *"Mas, tem que cair no fundo do poço primeiro para saber o que é felicidade."*

De tanto ouvir os pensamentos, percebo que a felicidade vem com o vento e atinge as linhas de raciocínio, onde se encontra a multiplicação do ser com o gosto de conquista.

Penso na repetição do nada, no mistério que, nem dormindo, faz o pensamento descansar e, muitas vezes, se perde em tempo sem peso e medida, como se viesse do fundo do coração e se partisse em palavras, como em Paulo Monteiro, *"... toda essa tua coragem/é medo e covardia/entanto treme esse combate //com medo de perder e de vencer"*.

Penso que a minha vida rola solta e apreende segredos em jogo de sedução, entre o olhar e o sorriso, que transforma os pensamentos, tal como revela Pedro Du Bois, *"... a vida segue sua intermitência/onde vencedores e perdedores/se igualam"*.



AS CERTEZAS

Acabou a incerteza. Pergunto, tem certeza? Momentos de (in)certeza quem não os tem? Pedro Du Bois retruca, *"Quem me traz / a dúvida / nesses tempos de plenas certezas?"* O poeta diz que as suas dúvidas são as certezas que os outros trazem em letras ordenadas e imagens desordenadas, para que o sonho mostre sua face.

Para Orides Fontela, *"O duro / impuro / labor: construir-se"*. Construímos vidas nas certezas onde contracenamos com o cotidiano e suas surpresas que deixam os corações aos pulos quando a dúvida persiste. Nas palavras de Luiz Delfino, *"... eu tenho medo, sim! eu que amo tanto, / De me enganar: / Que meus olhos mintam mesmo o pranto / Minta o chorar..."*

Temos certeza do caminho na dúvida da hora e do tempo que desperta e, ao mesmo tempo, prende-nos em destinos: direitos e deveres, família e amantes, liberdade e vontades. A liberdade de tomar os remédios, ligar o som, fazer a oração, abrir a janela, levar o lixo, fechar a porta... A dúvida em guardar o retrato ou rasgar o retrato. São ações que nos levam à certeza de optarmos pelos sentidos, pelo amor e para restaurar a solidão. Ao exprimirmos nossos gritos aos nossos ouvidos, com certeza, teremos o homem e suas faces. Como em Wesley O. Collyer, *"Vontade de desabafar. / De falar das coisas erradas, / das que quero concertar. // Vontade de me rebelar / De achar uma solução para tudo / De me encontrar..."*



A certeza demarca a vida, mostra o trajeto traçado em palavras, onde escutamos o barulho passando sobre as cabeças, e isto nos permite que a vida passe e nós permaneçamos apenas acompanhando o caminho. Pedro Du Bois diz que *"...as notícias desdizem / os fatos: em afagos / relembro caminhos / intransitáveis"*. No fundo a certeza é o silêncio que rasga o tempo em horas de novas despedidas que, trazidas pelo vento, absorvem a existência das incertezas, como mostra o livro *A Incerteza da Vida*, também de Du Bois.

A certeza sucede o ato de entendimento ao construir a imagem do homem em sua vida, como fato e/ou grito da atenção. Vista em expressão, surpreendemo-nos e nos envolvemos pelas vozes da caminhada e o teor das entrelinhas. Júlio Queiroz expressa, *"Tão fáceis farias sempre os dias / Se fosses a certeza garantida, / ...e os retratos guardados com desvelo..."*

As certezas da vida nos levam a mais (in)certezas da existência, que consistem em liberar as palavras nas mudanças da realidade, como o texto de 1984, escrito para a revista Isto É, por Mário Quintana, sobre *A luta amorosa com as palavras*: *"...Prefiro citar a opinião dos outros sobre mim. Dizem que sou modesto. Pelo contrário, sou tão orgulhoso que nunca acho que escrevi algo à minha altura. Porque poesia é insatisfação, um anseio de auto-superação. Um poeta satisfeito não satisfaz. Dizem que sou tímido. Nada disso! Sou é caladão, introspectivo. Não sei por que sujeitam os introvertidos a tratamentos. Só por não poderem ser chatos como os outros?"*

Quando achamos que temos todas as certezas, a vida vem e nos muda em (in)certezas: respostas viram novas perguntas...



*“no tráfego de palavras
o poeta faz barricadas
atira a esmo
se acerta no verbo
a poesia pede passagem”
Luis Otávio Oliani*



FRÁGIL

Uma das coisas interessantes na vida é perceber a fragilidade das pessoas. Os poetas demonstram aspectos gigantescos da palavra, com conotações diversas.

A fragilidade é atributo sentimental; o gosto se sobrepõe àquilo que nos interessa que, por sua vez, é o que se aproxima do homem numa espécie de cumplicidade, em que encontramos um dos principais mecanismos da sobrevivência, a identidade ideológica. Ivaldino Tasca, no conto *Sombra Frágil*, aponta os descompassos no relacionamento, fazendo o contraponto entre a fragilidade e a necessidade de continuarmos vivos.

Ser frágil nos leva a olhar o mundo com pertinência e, assim, não julgar as promessas, por que tentamos preservar a sensibilidade como bem querer. Pedro Du Bois retrata, *"Frágil//O caminhão leva nossas coisas / tantas / matérias / trastes / de tempos outros // não carrega nossas angústias/saudades / lembranças / amores / decepções / infância e juventude // mesmo a maturidade/encaixotada/ fica na sala vazia//o envelope com a vida/ em fotografias/ recebe o adesivo:/ frágil"*.

Não demonstramos as fragilidades que estão "dentro" de nós e que, no máximo, são percebidas através de uma janela num mundo sem horizontes. Mas, podemos nos comover com as atitudes e sentir a fragilidade como ideia e gesto e assim demonstrar o que temos de mais importante e valioso; como em Dinair Fernandes Pires, *"Há momentos e até mesmo dias em que o único desejo que*



se tem é enrodilhar-se, ou seja, colocar a alma em posição fetal. Descansar no próprio colo. Afagar as mágoas. Agasalhar a fragilidade..."

Ao percebermos a fragilidade da vida como fonte de sensação, ficamos emocionados na grandiosidade com que nos igualamos, mesmo que diferentes nas atitudes. Nossos gestos combinam com a convicção de cada um; até mesmo as palavras, em seus significantes, se torna nossa representação quando nos revelamos por inteiro.

Encontro em Carlos Higgie, no conto *Fragilidade*, o acessório surpreendente da metáfora, "*... Nada detinha aquele carro.//... Acelerou. A vida era bela e ele tinha o domínio dela. Pisou fundo, esquecendo num instante o passarinho suicida, o cachorro indeciso. Acelerou de novo, sentindo a força da máquina debaixo dos seus pés...*"

Atitude é ato que se destaca em nossa identificação. Estarmos fragilizados é condição que representa mudança "drástica" num mundo movido pelo consumo: transformação do ser em ter, como em Alphonsus de Guimaraens Filho, "*Frágil, na sua fragilidade / de sombra, por que enquanto a vida / resiste agônica tal esmaecida / lâmpada na grande escuridade...*"

As pessoas e a natureza sempre traduzem deslumbrantes imagens da fragilidade, como retrata Domingos Pellegrini, "*o que fazem com as nuvens os ventos / o que na cama fazem os amantes / o que faz o imprevisto com o instante/o que faz a canção com os sentimentos...*"



QUÃO PODEROSA É A EMOÇÃO?

A emoção se confronta com a lógica. O estado emocional revela o momento de se ir ao encontro da felicidade, como desafio, no reconhecer os próprios limites. A forma como se lida com a emoção pode mudar com o surgimento dos desejos no amor, no trabalho, no cotidiano, enfim, no mundo criativo e na realização pessoal, ao manter o equilíbrio emocional. Essa passagem gera conforto, evocando os sentimentos que são objetos de reflexão. Gilberto Cunha expressa, "... *Os diálogos dos sentimentos envolvem emoções... A grande questão é como lidar com os sentimentos?... Entre os maiores desafios dos seres humanos estão compreender os sentimentos, falar sobre os sentimentos e manipular sentimentos..*". A emoção é o abrir as portas para que se vislumbre o sentido da vida: mais harmonia e menos conflitos. É preciso estar consciente das próprias emoções e, assim, trazê-las à tona e compreendê-las, para melhor sentir e cultivar os relacionamentos, na necessária criação de valores sólidos, com a finalidade de desfrutar a convivência com prazer e alegria, como em Mário Faustino, "... *O mundo que venci deu-me amor/Amor feito de insulto e pranto e riso,/Amor que força as portas do inferno,/ Amor que galga o cume ao paraíso./ Amor que dorme e treme./que desperta /E torna contra mim e me devora/E me ruma em cantos de vitória...*"

O emocional é responsável pela flutuação dos sentidos ao focar a busca pela estabilidade e o desejo da motivação pela satisfação; o que exige cuidado ao desejá-la, pois, o estado emocional influencia sobremaneira as oscilações ao



sentir e aprender a lidar de forma saudável com a dicotomia da emoção *versus* satisfação; nesse movimento nasce o crescimento que se destaca no campo afetivo: atitudes de respeito à escolha e à valorização do outro e pelo outro, como etapa que se encaminha para o fortalecimento da emoção.

Para me sentir recompensada emocionalmente, descortino o coração, gero condições para a decisão e busco a liberdade como caminho de maior sentido à vida. Gilberto Cunha revela que *"As nossas escolhas definem a posição que ocupamos nessa espécie de gangorra da vida"*.

Acostumada ao papel emotivo, não penso duas vezes para aceitar o desafio proposto pela sensibilidade, quando o sentimento vira a paixão-emoção que trago para a realidade; mas que também tem suas imperfeições e magias. Lígia Antunes Leivas, em *o Senhor Guerreiro das Emoções*, retrata que *"O ser humano existe para a vida, para a sensibilidade, para amar./O ser humano existe para a criatividade, para fascinar-se, emocionar-se./E quando o emocional domina, é preciso ir adiante..."* Carlos Higgin, no livro *Caleidoscópio* demonstra, *"... Não tinha medo, mas tremeu quando ele se aproximou, quando ele caminhou os dois passos que os separavam, escasso espaço dentro do elevador..."* E Creci Dinarte, no livro *Emoções*, ressalta, *"O que são emoções, // Senão sentimentos que nos dominam em certas ocasiões: sejam de saudades, alegria, paz, dor e amor. As emoções são superiores a nossa vontade... Emoções é viver e reviver nas nossas recordações"*.

No dia a dia, a emoção revitaliza os sentidos como força maior, significando que, quanto mais resolvida emocionalmente, mais segura e confiante me sinto para conquistar, realizar e ter a chance de viver em paz e sentir quão poderosa é a emoção; assim, em Ivaldino Tasca, *"Por que disfarçar/a emoção que nasce / de outra emoção, / sendo ela a / única coisa que nos faz felizes?//... Por que disfarçar a emoção/Se ela é tão rara, embora seja / a coisa mais importante da vida?"*



BALÉ DA VIDA

*"Palavras se (me) movem / poéticas viajantes /
nessa música do corpo"
(Vera Casa Nova)*

Encenar a vida como dança de balé é multiplicá-la; resgatar as palavras em seu real significado para se inspirar e correr atrás do sonho. É através dessa linguagem que encontro a liberdade. Dançar é ato poético, tal como viver. Antônio Boeiro disse que *"todos nós somos Seres Poéticos"* e Mia Couto completa, *"Quem quer uma eternidade olha o céu. Quem quer o momento olha a nuvem"*.

Passo a passo é possível aprender a dançar balé (*a forma de fazer*) como a vida ensina com elevada tolerância à incerteza (*a forma de ser*). O lado bom é que o balé da vida é feito de gestos, definida na capacidade de transformar em ousadia as ideias para a realidade. Exercer a nobre capacidade de conceber o sonho e depois fazer dele seu palco para representar a realidade, como em Malu Silva, *"... Entre os escombros do seu mundo desencantado, calçava velhas sapatilhas e dançava sobre o chão feito a giz, esperando respostas do tempo."*

O balé da vida exige soluções e remanejamentos para fazer o que gosto. Desenvolvo conceitos sobre mim, para saber o que posso fazer e quantos passos estou disposta a dar. Dançar só é possível se coincidir com o sonho, não



dissociado da vida. Sonia Regina mostra, *"... pés apalpam, da vida,/ mais que o rigor, e experimentam//dançam nas asperezas aplainadas//sem mais desalento ou renúncias /a hora é de movimento: / baila, o justo //e prepara-se, o novo."*

O balé da vida, muitas vezes, é situado em ambiente onde não há respostas prontas. O corpo e a mente se interligam, um influenciando a outra; por isso é improvável que a emoção, por si só, seja capaz de desafiar o sonho. A emoção repercute no corpo e provoca o estímulo para que eu dance balé, como desde sempre vivo. Encontro no livro de Pedro Du Bois, *A Recriação da Mágica*, que a dança é a leveza do corpo ao se saber presente, *"teu corpo /acordado / tua mente/acordada / vive:// som /luz / voz presente //... Sorri o estar/ em tempos / movimentando o corpo / desenvolta e solta."*

Para dançar balé é necessário experiência, prática e palco, assim como, para viver, é preciso saber fazer um solo, onde a coreografia é real; para Pedro Du Bois, *"... Somos todos atores diários/em espetáculos/pobres..."*



LAGO SEM MARGENS

Os dias passam ao lado, como reflexos na água. A vida é espécie de retratação onde possibilidades são postas em ordem no mundo das palavras. Por exemplo, a poesia quebra o discurso ao dar sentido à expectativa entre lagos: com margem e sem margem. É fator de continuidade, encontro mágico onde recolocamos o divino - a palavra e o humano - gesto; no rumo tomado há trocas que nos sensibilizam em sentido e significado. Encontro no livro *Lago, Montanha*, de Francisco Alvim, que *"... vi sua vida fluir / como se tudo nele convergisse / para um lago do olhar - / um lago sem margens"*.

O poeta navega em busca da unidade quando escreve sobre o amor e o simboliza em chuvas, tal um lago sem margens. O leitor, ao vivenciar a realidade do autor, de alguma forma, aposta na poesia para se valer das "verdades" produzidas e não alcançadas. Não faltam lágrimas ou abraços nas palavras que conferem diferenças nos momentos de leitura, o que também abre comportas e os cantos obscuros da nossa alma.

O poeta chega de mansinho em nossa vida e desenha dentro da palavra o lago sem margens. Usa da artimanha das palavras para revelar a ideia que corre como água no desejo de querer, como n' *O Código das Águas*, de Lindolf Bell, *"... Ah! Não fosse este rio chamado amor / de peso feito, medida e saudade infinita / Não teria o homem medida / de sua própria medida finita"*.



Lago sem margens é sonho que converte a palavra e seus significados em respostas ao espanto do pranto, da emoção em ver a correnteza das águas, como em Bruno Gaudêncio, *"há uma margem de homem em cada rio, há uma margem de rio em cada homem"*.

Dias chuvosos deixam lembranças que ligam e separam as águas nos lagos sem margens; o homem em sua memória de existir na fragilidade faz dessa fonte a sua inspiração, onde a imaginação não tem limite. Entre o contexto e o texto no rio da vida o poeta vive no lago sem margens e carrega entre águas as brumas da existência. José Eduardo Degrazia retrata, *"Lago // Lágrima de deus / no meio do mundo / perdida: pranto / no cristal da terra"*.

Na chuva escutamos o som da água regando o lago sem margens, navegado por escritores que embarcam nossos destinos através das águas; são transgressões literárias que nos permitem viver para deslizar na imaginação, como expressa Carmen Presotto, *"... rios do amanhã / resenhas entre mãos / bailaremos / a um Cer(a)vante"*, e Benedito C. Silva, *"O rio tem mudado as pedras / Em seu percurso, / Levando-as adiante, / Visto que, na vida, é para a frente que se anda!"*



O REFLEXO COMPLEXO EM SI: A LUCIDEZ

*"Inquietos são os momentos de lucidez /
Pacíficas as ameaçadoras loucuras".
(Carmen Presotto)*

As palavras de Nilto Maciel, *"a lucidez possível"*, me faz refletir sobre a lucidez como assunto que vem à baila: algo de que se lembra, que se ouve, qualquer coisa que se lê. Nas lembranças, encontro Orides Fontela, que poetizou *"A lucidez, alucina"*. É claro que o sentimento, às vezes, se desvia completamente da ideia, como em José Castello, *"A lucidez absoluta é uma mentira sinistra: todos vivemos um pouco no escuro. O importante é que cada passo esteja sincronizado com o que se sente. E sentimentos são sempre confusos e imperfeitos."* Personagens delirantes apresentam histórias de lucidez: lúcido em emocionantes momentos de delírios, como em Carlos Higgie, *"...Num instante de lucidez, Marcelo passou a raiva, dos ciúmes mastigados e afogados, para a sensação de vitória e, depois, de piedade..."*.

No livro de poemas, *Brevidades*, Pedro Du Bois expõe (suas) brevidades, revelando tipos obsessivos, frutos de suas observações sobre a lucidez, o equilíbrio, a natureza e o sentimento, *"Permito-me a lucidez: vejo a árvore e os frutos; /... A lucidez contém luzes enfeitiçadas de verdades./A lucidez é o meu cansaço"*.



A lucidez é (ou não) abrir a janela a vários estados de consciência: mergulhar no desconhecido; ter forte lembrança de como fazer a vida; fazer o *link* com a infância; saber lidar com a *loucura*; ter vida diferente das *nóias*. Enfim, a *loucura* é igual para todos ou seria a lucidez o reflexo complexo em si, algo a ser definido, porque as pessoas têm comportamento mitificado na *loucura*? Para Michel Foucault, "*definir loucura é não saber como se está no mundo.*"

Não creio que existam *loucos* com noção do que seja a lucidez. Penso que a lucidez está misturada ao lugar onde tentamos construir os sonhos, como encontro no livro, *Lucidez Embriagada*, de Hélio Pellegrino.

Rodrigo de Souza Leão, no livro *Há Flores na Pele*, fala da *loucura*. E o *Carbono Pautado*, também obra de Rodrigo, revela a lucidez em difíceis tempos e revela que "*Nós vivemos em tempos esquizofrênicos. Muita gente tem depressão ou síndrome do pânico. É uma sociedade que está doente porque dá valor ao que não se deve: o dinheiro. O ser humano viveria muito mais se parasse com essa babaquice de querer dominar o outro.*"

Em Augusta Faro, n'A *Friagem*, encontro contos que levam o leitor a viajar num mundo de contradições e absurdos; segundo Stella Leonardos, "*o forte do livro é a fatalidade do destino.*" Augustinha, como conhecida, faz poesia e prosa com matizes que mesclam o real e o absurdo; o imaginário e o simbólico, arquitetado, direcionado e moldado pela razão: "*Travessia// Transpassada/ trespassada/ tripartida/ tropeçada / truncada. / Isso lá é vida?*".



PONTO FINAL

*"A ambição de todo ponto de vista é se tornar,
sem cerimônia, um ponto final. E ponto!"*
(M.M.Soriano)

O ponto final corresponde no percurso ao dizer que a luz não passa; a ideia que chega ao fim; o relacionamento que termina; a carta que se encerra e a vida que se acaba. Nas palavras de Mayna Nabuco, *"Na vida também é estranho quando o ponto final vem antes da hora."* E Hilda Mendonça salienta, *"... entre o esquecer e o lembrar / Sol e chuva calor e vento / solidão de deserto / minh'alma se aloja / à espera do temível ponto final "*.

Segundo Pablo Neruda, *"Escrever é fácil. Você começa com a letra maiúscula e termina com o ponto final. / No meio coloca ideias"*. A verdade é que no momento em que colocamos o ponto final, sentimo-nos transgredidos e, ao mesmo tempo, com a certeza de que toda a história tem um fim, como demonstra Getúlio Zauza no poema *Em direção ao Fim*; e Caio Riter na antologia *Antes do Ponto Final*.

Por vezes, provocamos o ponto final, ficando sujeitos na meditação de a expressão sobrevoar a realidade, por que guardamos os momentos inesquecíveis no fundo da memória e do coração, como em Mara da Graça Carpes do Valle, *"Buscas constantes. / Questionamentos. / Identificações. / Indagações. / Sonhos, projetos, realizações...//*



reflito e revejo num lampejo, tantos quadros. / Constatato serem esses a minha história / que a própria vida escreveu. // mas quem disse que tem ponto final?..."

Em muitas situações não colocamos ponto final, mesmo que ele tenha máxima carga de significação: reinventa o limite das realidades naturais e culturais, como demonstra o poema: *"És poeta os ventos já sabem / Quem os calará? Camões? / Fernando Pessoa? / Jorge Luis Borges? / Francisco Carvalho? / Drummond? / Ferreira Gullar? / Procede minha afirmação / e ponto final"*.

João Carlos Pecci descreve a vida e a obra de Vinícius de Moraes no livro *Vinícius sem Ponto Final*. Mas tudo na vida tem início e fim. A vida é feita de lembranças, saudades e fragmentos que juntamos para dar um ponto final.

O primeiro traço notável do ponto final é o resultado da reação do passado para com o presente. É significativo tanto por sua qualidade, quanto por sua influência no sentido de representar as características do fim, como expressa Cora Coralina, *"O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher"*.

O jornalista Mikal Gilmore, no livro de crônicas, *Ponto Final*, traça o perfil da geração que transformou os anos 60 num mundo de sexo, drogas e rock'n'roll. E, J.H.Bragatti, em *Ponto Final*, descreve a dor, a miséria e a solidão no dia a dia dos homens que vivem com a certeza da morte.

No modo como se forma a personalidade, como se descreve ou se representa a arte, como na vida em si, às vezes, é possível ajustar ou mudar o ponto fraco e forte de cada um, para chegar, conforme o desejo, ao ponto final.

Muitas vezes o cotidiano não nos deixa alcançar o objetivo proposto por várias razões e, entre elas, os mitos e as concepções errôneas em torno do assunto; José Goldenberg fala dos mitos no livro *Coluna - Ponto e Vírgula - Colocando um Ponto final Nas Dúvidas...* Tudo o que vivemos é fruto de escolhas, da forma como vemos a

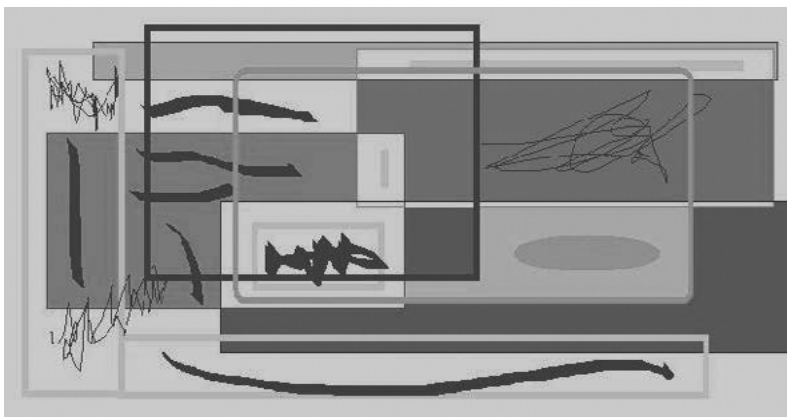


vida. Todo processo de construção da nossa realidade tem o ponto final como foco. Joaquim Cardozo pergunta, "... o que está depois da luz, o que está no Apagado?"

É pensando no término das ações e realizações pessoais que sentimos a sensação do prazer e bem estar por ter executado a tarefa e poder desfrutar o resultado. Esse sentimento desperta a atenção e deve ser respeitado e destacado como único. Com essa percepção, o ponto final se torna objeto de desejo para todos que querem inovar; que acham possível realizar o que seriam seus sonhos. Melhor dizer que na vida tudo é "costurado" para se chegar ao ponto final. Charles Chaplin escreveu, "*O tempo é o melhor autor; sempre encontra um final perfeito.*"



A COR DO INVISÍVEL (II)



O sentido do invisível que dá cor à realidade



A COR DO INVISÍVEL (II)

para Honorina

A cor do invisível se transforma em tons que vão da arte aos sentimentos e dão o toque final no equilíbrio e na medida certa para se redesenhar o cotidiano, nas expressões poéticas, nos traços na tela e nas imagens fotográficas. Nas palavras de Francisco Mello Garcia, *"... Poeta é igual a um pintor/Ou de quem faz escultura,/sem pincel tela ou bronze/Diz no verso o que procura,/ Mesmo sem tinta nenhuma pinta arco-íris nas alturas./ E mesmo sem aparecer/Põe as cores na figura..."*.

A mistura de tons, em versões variadas dá detalhe inusitado ao jogo dos opostos, com movimentos e traços que refletem a importância da fotografia para cada pessoa.

A foto mostra o ontem no hoje, como beleza sedutora do tempo e o (re)construir o invisível em cor visível. As chances estão no momento do *click*, como saudade expressada na cor do invisível, na sensação de poder voltar no tempo; de trazer em tons vibrantes a uniformização dos efeitos sobre os sentidos. Segundo Helena Rotta de Camargo, *"Faço questão de refletir sobre o passado, que isso me energiza para os embates do presente"*.

Fotografias exercem poderes mágicos quando nelas reencontramos a alegria daqueles instantes. Colorem nossos pensamentos e nos garantem menos danos à vida.



Francisco M. Garcia expressa, "... *O meu receio é ser preso/ Por uma verdade dita, / Pois tantas ficam ocultas /... Algumas se vê à cores...*"

A cor do invisível é forma para repensarmos as emoções, porque se revela em tons pessoais. Por vezes, até o vento se apresenta sem alteração, trazendo a fragrância do momento apreendido, significando que a foto tem o poder de reconstruir e influenciar no estilo de vida. Ressalvo que há tons para se considerar, que interferem na nossa maneira de se expressar, como desejo permanente da cor do invisível. Tais tons são segredos que carregamos e nos permitem descobrir qual a tonalidade certa para cada saudade. A intenção é de dar tons à cor do invisível no espalhar sensações do bem viver e preencher a solidão, como em Jabs Paim Bandeira, *"como são doces minhas lembranças que iluminam minhas noites. Embora você tendo partido, continua presente e vivendo em mim"*.

As fotos expostas emolduram nossas vidas; por vezes, conversamos com os personagens indelévels e lembramos-nos de fatos historiados, com que transformamos a cor do invisível no tom do coração, vibrante.

Revivemos no tempo de vivenciar, imaginar, olhar para as fotos e indagar, quantas eram as cores? Emoção que nos leva lembranças boas e más, abrindo horizontes em que nos apoiamos e dividimos o espaço, sinalizando, reforçando e reconhecendo que cada um procura o incentivo preciso para passar seus repetidos dias. A vida fica mais leve com os retratos expostos e presentes, porque ganhamos o mundo sempre que fazemos do invisível um desafio prazeroso.



*"Há uma Lua
luz
além
do círculo do dia..."*
Orídes Fontela



A COR DO MEDO

A cor do medo é transparente e por vezes (in)visível como em *Pesadelo*, cantado por Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro, "... olha o dia de ontem chegando / Que medo você tem de nós.../ Você corta um verso eu escrevo outro/ você me prende vivo eu escapo morto..."

Dentro da literatura, a morte se apresenta de forma criativa/artística e leva a grandes emoções e reflexões, como nas obras, *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto; *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água*, de Jorge Amado e as *Intermitências da Morte*, de José Saramago.

A morte, de certa maneira, vem acompanhada de sentimento inexplicável: a inspiração na exaltação da vida, como em Mário Quintana, "*A morte deveria ser assim:/um céu que pouco a pouco anoitecesse / E a gente nem soubesse que era o fim*"; e em Frederico Barbosa, "*O que me espanta não é a morte /é ouvi-la tão aguda /que por sorte não se escuta*".

A cor do medo resurge com a morte através de palavras fortes, doloridas e obscuras, com o ar da dor da saudade, que também é solitária, porque me sinto indefesa, pequena e insignificante diante do vácuo, como mostra Pedro Du Bois, "*Choramos a morte// Mesmo que nos liberte.// Choramos a libertação /da morte/morte libertada/ libertária. // Seca estrada /em pós /de choradas mortes.*"

Morrer significa viver o vazio? Morrer é terminar com a vida, o amor, as ideias, a luz, as cores? A morte não é ex-



pressão da vida? A morte deixa marcas que, muitas vezes, são alicerces da vida. Sem a presença desses atenuantes não realizo os desejos e nem mostro que a amizade, o amor, a solidariedade e o companheirismo superam a morte. Enfim, é o suspiro que preciso para respirar, tendo a cor do medo para enfrentar e colorir. Segundo Jean Baudrillard, *"Aquilo que chamam morrer não é senão acabar de viver e o que chamam nascer é começar a morrer. E aquilo que chamam viver é morrer vivendo. Não esperamos pela morte: vivemos com ela perpetuamente."*

Preciso recriar a vida e sentir, em forma de liberdade, a cor do medo, que ao desvelar o silêncio nutre a esperança da ressurreição das cores. Carlos Pessoa Rosa expressa, *"... Hoje sei que não se nasce da terra, mas é nela que adormecemos..."* E, para Max Martins, *"... o morto é morto / não podes cultivá-lo /no teu agora..."*



O FATO NA FOTO

*"A sua imagem / à minha frente, / chamando por mim... /
É o mesmo sorriso / que me envolvia..."*
(Thereza F. Vieira)

A foto chama a atenção pela força da imagem; mostra o reflexo da lente, onde tudo parece possível, porque revela a lembrança, a ilusão e a saudade. Como em Maria de L. C. Mallmann, *"No álbum de fotografias/vejo a vida passar/como um filme colorido /a se revelar... //os registros que ali estão/são de festas,/ da alegria que passou... /só que os dias que eu sofri,/ que chorei... / ninguém fotografou! // Não se guarda a tristeza / numa foto, num cartão./Ela fica registrada /no fundo do coração!"*

O fato é que olhar a fotografia é deslizar no momento vivido e sentir a sua companhia. A foto resiste ao tempo na lembrança de quem foi importante e de quem aparece como a luz na sombra. Álvaro de S. Gomes Filho, diz em seu poema *Fatos/Fotos*, *"... procurei o retrato /Que te mostrava sorrindo/Enquanto eu te abraçava/Por sobre um manto de amor..."*.

Relembrar o fato na foto é gostar de viver. Vivo na imagem ao rever o amigo no instante do flash; basta que aquele instante tenha existido feito luz na memória. Em Carmen Presotto encontro que *"paredes /olhos/suores // saem da lente como quem sai da foto // ...são figuras/*



imagens/ fotografias/ sombras// olhares que desabitam em vida..."

O fato é que a luz começa a sumir quando a sombra ocupa o espaço e se espalha pela casa em molduras, onde em voz baixa a presença é presa recordação. Muitas vezes, a foto remete ao momento singelo de outrora. Outras vezes, encontro na história a realização do desejo, assim, em Pedro Du Bois, *"Somos distribuídos pelos momentos: avessos, retroversos, incólumes, desbotados onde nos reencontramos em pedaços estabelecidos como verdades. Na realidade, como retratos somos a parte sensibilizada da existência"*.

O fato na foto evoca uma atmosfera onírica, sensação potencializada pelo conforto para com a imagem que ilustra a vida; história onde laço os sentidos e reconheço o motivo. Toco na foto como se estivesse sonhando, mesmo acordada. Faz sentido, por que sinto falta do meu amigo e do lugar da cena marcante na imagem, que é apenas a realização do meu desejo. Ela me permite, magicamente, descobrir o significado da liberdade interior no silêncio e na dor da solidão; assim poetiza Gilberto Mendonça Teles, *"Retrato//cada coluna protege seu paradigma/de confrontos, seu modelo de sombras /no ladrilho. Cada coluna desenvolve/o sentido de sua própria exaltação..."*.



CONVITE

O convite entra em cena quando o recebo. Exibe o *evento* e faz ponte para o relacionamento. Faço planos e escolho a melhor maneira para comparecer. Porém, fico alerta e verifico se o convite é real, para não cair na armadilha do *infiltrado*, *peru* ou *furão*, vulgarmente falando. É tentador ser o convidado. Segundo Mario Quintana, no livro *Da arte de fazer visita*, *"Sempre que o convidavam a uma casa,... Deixava então os outros conversarem enquanto eu fingia que escutava"*.

A cada convite que recebo, reflito que ele precede o ato do entendimento na falta do conceito que se repete no ímpeto, chamando a minha atenção. É nesse ponto que comparo o convite a um ato fantasioso, porque a sociedade não dá respostas satisfatórias e o homem sempre está em busca de soluções mágicas. Márcio Catunda pergunta, *"Como fazer para que não percebam/que conheço a psicose deles?/Como suportá-los, sem que me torne um deles?/Como não me confundir com a doideira deles?/Como não revelar as nossas diferenças indiscretamente?..."*

É difícil controlar a ansiedade em que carrego o meu medo no ser convidada para qualquer evento; talvez seja a minha vez de ser mais uma, a outra ou apenas a conhecida fazendo número. Lá, conservo-me alerta e me encerro no olhar da espera. Por vezes, considero não ser o momento e nem o lugar apropriado, ou nem me sinto à vontade para ouvir risadas e versos, nem dividir lamentações, por que o tempo passa sobre mim em única sombra: por que fui



convidada? O que tenho para ser a escolhida?

Outras vezes, penso em não aceitar nenhum convite e refletir sobre o rumo que deveria tomar. Então, a vida vem e me convida a uma pausa para escolher entre a emoção, o desejo e o objetivo de me harmonizar com as pessoas. Na sintonia fortaleço desejos e relacionamentos e, ainda, experimento novos caminhos ao aceitar o convite. Pedro Du Bois diz, *"Proposta/aceita/se preparam/para ação//na frieza /dos gestos/ o silêncio /dos corpos /a escuridão/das mãos..."*.

Na aceitação cessa o meu medo e restam cenas comuns que tenho sobre o "anfitrião e patrocinador": ser o Poder. Eu, como em Lêdo Ivo, *"Ando na multidão e o meu nome é Ninguém"*. Sei que não é hora de fantasiar e sim de atuar em benefício próprio. É hora de transformar a minha ação em retorno, como convidada.

Mas quem me convida para desafiar a vida? Tenho coragem para desafiar a mim mesma ao experimentar algo diferente e pensar de outro modo; que todo convidado tem em comum a força do pensamento como elemento provocador do que quer: atrair o que lhe é oportuno. Nas palavras de Oscar Wilde, *"Eu não quero desnudar a minha alma / diante dos olhos frívolos e curiosos"*.



AROMAS

Para a maioria das pessoas, o grande problema e desafio não é a degradação cultural ou social, é o cheiro. No dizer de Ivaldino Tasca, *"Estamos aqui para sentir o aroma que vem da cozinha... sentir cheiros alucinantes... O cotidiano é um eterno sentir"*. Encontro pela vida as versões clássicas de aromas e pergunto: o cheiro muda tudo?

No ar, o odor marca o novo ciclo de crescimento, conhecimento e expansão. É favorável à lembrança; fortalece o meu espírito, nutrindo-me com as sensações trazidas por ele, como em Pedro Du Bois, *"... um ramalhete simples / enfeita a sala de visitas // tenho a visão do jardim de ontem // aspiro o perfume / como sonho encontrado / de situações futuras..."*.

Ao lembrar, lanço o olhar sobre o passado; vejo os encontros ao redor da mesa, onde havia alguém que se sentia desconfortável com o aroma exalado pela comida, mas também havia os que se sentiam atraídos e felizes por estarem dividindo o espaço com pratos "cheios de personalidade", que exalavam aromas de plenitude e felicidade, pois, como dizem os poetas, *"... a vida vale/pelas pequenas/lembranças"*.

Penso nesses momentos para compreender a importância do cheiro e para sentir, novamente, a agradável sensação de poder reviver o preparo das comidas; como quando o pai Moacyr preparava o *coelho ao molho de laranja*; a avó Carola, *peverada com noz moscada*; D. Lenita, as maravilhosas *panquecas* e a mãe Annita o *arroz com galinha*.



A vida tem muitos sabores que se apresentam em deliciosas versões no dia a dia: a pipoca tem aroma de alegria; o bolo da Marina tem cheiro de férias; o jasmim lembra os amigos; o cafezinho, encontros. Perfumes são fragrâncias de amor e liberdade. Carlos Drummond de Andrade, expressa, "*... E tudo fica um pouco./Oh abre os vidros da loção/ e abafa/o insuportável mau cheiro da memória*".

Um cheiro muda tudo, principalmente, quando vem acompanhado de sabor de festa; tristeza e melancolia desbravam odores desagradáveis, que tento evitar na minha ordem dos dias, como demonstram os escritores Ivaldino Tasca, no conto *Perfumes e Cheiros* e, Pedro Du Bois, no poema, "*sou quem traz as flores/buquê em mãos /palavras ditas / pétalas no chão/na emoção do abraço/ meras palavras /perfumando o caminho...*".

Questiono os aromas por que eles se revelam na densidade da vida e desvelam fantasias. Levam-me ao delírio ao me fazerem pensar que certas coisas são sempre iguais, como a dor da saudade e a emoção do encontro. Adriana Lima escreve que "*Meu amor antigo / tem cheiro adocicado / da infância / fruta perfumada /de lembrança e/sem pressa de viver.// percebo desde então,/sofro por antecipação/sentindo o sabor da saudade/e o cheiro de jasmim limão...*"; ainda, ressalto Fernando Sabino, com *O Encontro Marcado*, romance publicado em 1956.

Diante dos odores, observo as reações das pessoas, entusiasmadas ou não, que demonstram a verdade dos fatos na ilustração de suas vidas. Os aromas as influenciam e inspiram os escritores, principalmente os poetas, a ilustrarem a vida; o que me faz repetir: um cheiro muda tudo?



*"Na roupa desfeita
o perfume impregnado
Nos retalhos da vida
que pode ser refeita"*
Benedito Cesar Silva



O PREVISTO E O IMPREVISTO

Sinto o frescor do mar no imprevisto e a energia solar prevista na fórmula da vida. Faço as travessias para que o dia com menos imprevistos seja de conquistas. Segundo Mario Quintana, *"Previsto, despertar e ficar um momento de olhos fechados sabendo que existe a luz... Quanto ao imprevisto... deves tu mesmo procurá-los na memória"*.

O encanto pela vida gira em torno do previsto e do imprevisto; com eles determino o ritmo e diferencio os momentos. Mesmo nas horas previstas e corriqueiras do dia a dia o imprevisto se apresenta. Maria Helena Latini descreve, *"O sonho / o baque / a brevidade // O relâmpago assustador / entre o isto e aquilo"*; e Cecília Meireles desenha as palavras do (im)previsto no livro *"Isto ou Aquilo"*.

Vejo com curiosidade que o escritor convive com o imprevisto ao tornar inevitável as suas palavras; prevejo a literatura em minha vida como algo que respiro, para quebrar o silêncio e fugir da solidão. Gracia Levine retrata, *"Vida curta, / vida longa. / Qual deve ser o comprimento de uma vida? / O de um barbante? / Ou de uma fita métrica?"*.

Enfrentar o imprevisto é exercício para quem deseja viver em processo contínuo e evolutivo, que o pensamento reflete a nossa forma de ser. Como o céu e o mar são linhas inseparáveis da paisagem, a mente desenha pensamentos e o corpo conquista o mundo. O aberto e o fechado são medidas imprevistas, que abrem ou fecham o caminho. O bem e o mal são imprevistos em que o mundo se desdobra em recomeços. Superar o imprevisto é acreditar na proje-



ção para dar atenção à emoção ao manter a mente aberta para escutar a intuição e perceber aquilo que une, em vez de salientar o que separa. Como em Rubéns R. Torres Filho, *"Corre o verso pelo inverso / e o delírio pelo lírio / na lírica do extravio..."*

Viver na previsibilidade é controlar o entusiasmo pelo desejo de se comprometer com a integridade da escolha e estar ciente que os atos têm consequências e que há retornos ao serem executados. A vida não exige que se renuncie aos seus encantos, ao contrário, permite buscar força vital e criativa para se confrontar com o verdadeiro e identificar o falso, para sustentar o que é insustentável: o imprevisto.

Em cada passo da jornada mostro a importância em desafiar a mim mesma sem desperdiçar a chance do previsto. O que faço? Respiro fundo e sinto o sol. Saio de cena para me reencontrar no tempo. Rodrigo Petrônio demonstra, *"... Muitos e muitos eus se despregam de minhas dobras. / Quanto mais queira me achar mais e mais me perco no esmo. / Só na entrega irrestrita a liberdade gera obras. / A flor congela no espelho e o ser é igual a si mesmo"*. Ao expressar a liberdade estou me permitindo abrir espaço no coração, para que o imprevisto faça parte da vida. Mas, na obtenção de resultados ajo de modo diferente, quanto mais criativa, mais redefino o objetivo para alcançar o previsto e enfrentar o imprevisto. Como mostra Adriano Nunes, *"... Quem se importa / Explorar-se / Contorcer-se / Constrói-se / À porta / Do sonho / Declama o / Instante / Distante / Distrai-se / Que susto..."*.

Os encantos na vida são truques para me manter presa na visibilidade trazida por ela, onde posso criar e recriar diante do previsto e do imprevisto, em sintonia com os meus sentimentos e com os passos que cada momento pede. Nas palavras de Domingo Pellegrini, *"... E na porta do impossível / espiona o imprevisto // mas a coincidência ri / descobrindo por acaso que / viver é grandioso e é só isto"*.



NÚMEROS: CONEXÃO E DESAFIOS

*"Rolam números sobre / a existência.../de ubíqua
equação se cobre / o coração..."*
(Adriano Nunes)

Para que servem os números em nossas vidas? O que há para refletir sobre eles? O que os números e a vida têm em comum? Cada vez mais os números fazem conexão com nossas vidas e nos desafiam. Eles ganham "status" na hora da escolha, de que não há o certo ou o errado. Mantemo-nos num mundo individual e com os nossos sentimentos escolhemos recontar as nossas vidas, como demonstra Lêdo Ivo, *"Ando sempre seguido / por vozes e cartazes // e minha mão segura//uma ficha com um número/de ordem e chamada.// Ninguém sabe meu nome.//.. no sonho ou no mercado sou simples estatística // Líquete, chapa ou ficha. //.. Com a ficha na mão // Mostro o cartão. // Provo que sou humano.//... o alto falante // me chama em toda a parte/por meus diversos nomes:// Ficha azul! Dezessepte!//E, na fila do mundo,/ um número entre os números,/ avanço, logo existo".*

Existe a necessidade de juntar o sentimento com os números. A maneira adequada é levar em consideração o significado da palavra revelada pelo escritor, que aponta e incorpora em versos os Algarismos, soma prazer e previsão, como revela Ziza de Araújo Trein, *"Trinta e três*



anos/Idade simbólica!/ "Idade de cristo" costumam dizer/ Quando o homem em plena juventude/Também atinge plena maturidade, /Quando os ideais, os sonhos de menino/Não são mais sonhos, só realidade". Ou em Licurgo Costa, que descreve suas memórias no livro "Um homem três séculos".

Os autores apontam em termos de numerais o que a soma de suas palavras tem a dizer, quando abrem caminhos e conversam com o leitor ao compartilharem segredos e necessidades. Nesse sentido, não importa qual é o número, pois, é a revelação do segredo que conduz o encontro para a reflexão, como demonstra Chacal, em *"20 anos recolhidos"*, e Gilberto Mendonça Teles, em *"7 Resmungos"*. Suas ideias parecem paisagens que apenas o leitor avista e, na medida em que são enumeradas, descobre os seus movimentos na elaboração de cada verso, como em José Enrique Barreiro, *"Três motivos para não te amares"*. Ainda, Ivaldino Tasca, que conta a história dos *"15 dias que abalaram Passo Fundo"*.

Escritores cultivam e criam palavras com as técnicas do tempo e as conjugam no passado, presente e futuro. Pairam dúvidas sobre o que o tempo dita sobre a inquietação. Quais as versões dos números que as guiam? Pedro Du Bois diz, *"Tempo // Apenas o minuto é rápido// os segredos / multiplicados /toques/alongam os sentidos"*. Talvez essa seja a principal reflexão e motivação que os números provocam nos escritores, desafiando suas inquietudes; para Pedro Tozzeto Neto, *"Existem três sentimentos que são importantes para a nossa vida://a bondade, a alegria e a tristeza.//A tristeza ninguém gosta/A alegria vem sempre com uma coisa boa.//E fico com a bondade/... pois mesmo triste ou alegre/ você pode ser bondoso"*.

Os escritores, ao descreverem palavras exatas com que precisam o tempo da existência, mostram que os números servem para nos conectar como fios de memória, quando há o sentido da vida, como escreve Gilberto Cunha



no ensaio, *O número 88*. Então, podemos ler as sensações, as estações e os murmúrios, acreditando que tudo o que vivemos e esquecemos são apenas lembranças dos números, como marca do que ficou dos instantes do dia. Maria Alvim retrata, "*Três pedras //uma casa /um cachorro/ um poeta//responderão por mim*".

Escritores enumeram em expressões e palavras. Sem sossego, demonstram em incertos lampejos a luz da criação e a precisão da linguagem ao descreverem e amarem sem medida no revelar suas almas. Pedro Du Bois diz que em números recontamos nossas vidas, e Frederico Barbosa mostra, "... aos quinze anos era/Camus que não me/deixava dormir/ estrangeiro em mim".



POR UM AMANHÃ

Amanhã? Quando será amanhã? Caio Fernando Abreu responde, *"Amanhã é outro dia, aprendi isso ontem"*. Chico Buarque, completa, *"... Amanhã há de ser outro dia/ Você vai ter que ver/A manhã renascer/ E esbanjar poesia..."*

Com palavras, compartilho o amanhã comigo mesma. Grito frases de ordem lírica e vislumbro caminhos para me aproximar da porta do amanhã e reencontrar a passagem para o mundo, na mudança que transforma por fora, mas também renova a alma. Segundo Álvaro de Campos, *"... Hoje não me resta.../Senão saber isto:/Grandes são os desertos.../volta amanhã, realidade!..."*

É muito bom mudar e viver pelo amanhã, sentir o desafio: quando será amanhã? Amanhã é redesenhar o projeto em tempo; trazer informações relevantes e objetivas, com o interesse em se espelhar nas histórias de vida, como em Peninha, *"... Tenho um sonho em minhas mãos / Amanhã será um novo dia / Certamente eu vou ser feliz."* e, Benedito C. Silva, *"... coberto e atormentado por todos os pensamentos inúteis/ sobre algo imutável, e quem sabe, amanhã, já não serei/eu mesmo."*

Mas, quando será amanhã? Amanhã é o entusiasmo que nasce da força excepcional para conduzir o destino. É construir com alegria o ponto de chegada e partida, reavaliando os rumos e me concentrando no momento de semear. O amanhã promete a colheita do esforço, do bem-estar nas relações e no usufruir o carinho dos amigos. Para Vera Casa Nova, *"Não deixo para amanhã/o que pos-*



so fazer hoje./ Pois amanhã é o amanhã /Quero preparação do amanhã /Pelo dia de hoje/A conquista de hoje/É a conquista do amanhã/... Qual o saber no amanhã revelará meu dia?" Compreendo que a liberdade depende do empenho e atitude para se viver o amanhã com reconhecimento, como expressa Helena Rotta de Camargo, "... Não adie para amanhã a confissão do afeto, o gesto de bondade... Talvez o amanhã chegue indisposto, sem a mínima vontade de cooperar com as suas boas intenções".

Manhã de céu nublado. O vento sopra na praia. A esperança de que amanhã será um dia ensolarado, mesmo na incerteza como tempero da vida, onde terei muito para aprender em cada conquista; o amanhã, como retrata Pedro Du Bois... *"pela areia sigo os passos/de quem vai à minha frente //é preciso amor...//é preciso sorriso e alegria /caminhar exige atenção / voltar não é só retornar os passos // no encontro da areia e a água / renascem as esperanças do amanhã".*

Hoje, espero pelo amanhã. Tenho certeza de que ele será melhor do que o hoje e, ao fazer escolhas, construo o meu caminho. Álvaro Pacheco, escreveu que *"em algum lugar do mundo o dia de hoje /é ontem – em outros /será amanhã..."*.



ELOGIAR

*"Podemos nos defender de um ataque,
mas somos indefesos a um elogio."
(Freud).*

Abro espaço em minha vida para as atividades do cotidiano, mas resisto em considerar algum espaço para dar e receber um elogio ou autoelogio. O autoelogio, por vezes, incomoda e até constrange. O elogio incentiva, dá a força e o apoio que me mantém entusiasmada para seguir em frente. Cabe elogiar a todos os que mereçam, por que revelam a coragem do ato, do gesto, da competência e, ainda, fazer justiça a alguém torna menos árdua a sua luta pela sobrevivência. Segundo Shirley Souza, *"Uma vida em amostra ao mundo/Toda uma história expressa em camadas /As marcas de uma jornada / Demonstrada por meras palavras..."*. Machado de Assis expressa, *"Eu não sou homem que recuse elogios. Amo-os, eles fazem bem à alma e até ao corpo"*.

A sensação ao dar ou receber um elogio é de que existe um vasto mundo e o desejo de vê-lo é o mesmo que seguir em direção a novos horizontes, que o ato de elogiar pode levar a pessoa à nova perspectiva de vida, e nortear a sua área de trabalho. Em outras palavras, o elogio é o reconhecimento e a consideração que leva ao despertar do interesse em realizar algo transformador; proporciona ao



elogiado a experiência do prazer como sensação de "alumbamento".

Todo processo de escolha tem real inserção na vida das pessoas, auxilia na questão do potencial. E isso vale a pena porque torna alguém feliz e reconhecido, dentro da vitalidade da cultura. O importante é ter consciência de que o elogio precisa ser verdadeiro para cumprir a sua finalidade: valorizar e defender a ideia.

Dentro dos elogios possíveis, reconheço-os na Literatura de Cordel: literatura popular de que nos diz Mariana Albanese: *"a Literatura de Cordel, do fundo dos tempos chegou para ficar com versos singelos e desenhos belos, espalha notícias e ajuda a ensinar"*.

A origem da Literatura de Cordel é a poesia falada: o repente; o dia do Poeta da Literatura de Cordel é comemorado em primeiro de agosto: o versejar nordestino. Os folhetos são vendidos, até hoje, em feiras e mercados, expostos em varais.

O Cordel é literatura popular porque o poeta traduz em versos o seu dia a dia, a sua cultura, sua religiosidade e sua mística. Entre tantos poetas, saliento José Maria do Ceará que, em *Gramática em Cordel*, versejou: *"As letras trazem fonemas. /E para mais claro ficar,/Os fonemas são os sons/ Que usamos para falar"*; bem como Moreira de Acopiara, em *Nos Caminhos da Educação*, *"Um analfabeto é,/Ao meu ver, um sofredor /Que é facilmente oprimido. / Mas já disse o professor; /" A educação liberta / Oprimido e opressor"*.

O Cordel: jornal do sertão – livreto, folheto que merece elogio e reconhecimento pela criatividade artística: plástica e literária; pelo incentivo à cultura sertanejo-nordestino; pela qualidade dos textos e entusiasmo dos repentistas; sem exagero, o *Cordel* atinge a perfeição do versejar sertanejo.



*“Fiquei completo
espaço em branco à espera
do incompleto
que existe no futuro”*

Paulo Monteiro



PACIÊNCIA: LUXO OU NECESSIDADE

Para Machado de Assis, *"A vida é cheia de obrigações que a gente cumpre por mais vontade que tenha de as infringir deslavadamente"*.

Luxo é ter paciência ou a paciência é uma necessidade? Com essa indagação, vejo como é fácil o pensar e difícil o agir; a vida só nos pertence se soubermos unir pensamento e ação. Nesta altura dos acontecimentos, percebo ser a paciência a virtude que pode reverter vários quadros, em diferentes preocupações, inquietações e decisões em relação à forma de viver. Ela é instigante porque nos surpreende e faz com que paremos para pensar, como demonstra Nilto Maciel em sua crônica *Paciência e bom senso*, *"... nunca recebi tantos impressos quanto nesta era da internet... Ora bolas! Se fosse apenas para ler, seria ótimo... Se falam em ler meus contos, poemas ou romances? Nem pensam nisso. Eu seria para eles ...apenas instrumentos para a sua glória, a sua riqueza, a sua empáfia. Desconhecem (e nem se interessam em conhecer) minha fortuna crítica: alguns prêmios literários e publicações analisada por leitores especiais...Haja paciência (em mim)! Haja bom senso (neles)!"*

No cotidiano, a paciência é a necessidade que pode nos levar a melhorar a relação com o tempo e as pessoas. Ela se manifesta de várias formas e não tem normas a seguir, por que é pessoal. Mas, na maioria das vezes, sabemos que ela é a solução em um ou mais momentos por nos permitir compartilhar ideias com os outros; como em



Carlos A. Lima Coelho, *"A inquietude toma conta da calma/ Pois sem estar vendo todo dia você / Não há como serenizar a minh'alma..."*

Ter paciência não é fácil, pois ela nos deixa à espera do instante; é algo que perseguimos e o resultado pode levar à nossa satisfação. A paciência não nos anula, faz-nos refletir que as mudanças são perceptíveis e resistentes. Aumenta o prazer pela convivência e, em evolução, busca a harmonia entre as pessoas. É o mistério em se deparar com o outro, para trazer entendimento entre todos. Sempre penso em quatro ações que não se recuperam, quando tenho de exercitar a paciência: a pedra, depois de atirada; a palavra, depois de proferida; a oportunidade, depois de perdida e o tempo, depois de passado; como nos diz o poema de Murilo Mendes, *"Meu novo olhar é o de quem já sabe /Que alegria e ventura não permanecem./Meu novo olhar é o de quem desvendou os tempos..."*

A arte de comprimir ou alongar o tempo é obtida através da paciência. Ao pensarmos nela como virtude, acreditamos nas mudanças. O luxo é ter paciência. Ao abordar essa questão, acredito que podemos fazer escolhas; encarar a vida de forma mais leve, com a opção do movimento: menos cobranças e maior compreensão, como nas palavras de Jaime Vaz Brasil, *"A paralela dos olhos / amarra o fio /do poema. //Desfila o tempo / e costura as paredes do silêncio..."*

A fronteira entre o luxo (sonho) e a necessidade (realidade) são as vozes, os olhares e a atenção que dedicamos ao tempo. A dúvida é se quando a paciência revela o caráter, com boas energias e otimismo, para alcançarmos os objetivos, se tornará luxo? E se não conseguirmos atingir ao que nos propomos, será necessidade? Sonho ou realidade? É preciso ter consciência para alcançar o melhor em nossas vidas, sem ferir os sentidos e os sentimentos, preservando a paciência, sempre, como luxo e necessidade.



*“aos quinze era camus
que não me deixava dormir
estrangeiro em mim”*
Frederico Barbosa



FLORES

Ignorando as regras e o bom senso, as flores me levam a reviver expectativas emocionais. Segundo Abgar Renault, *"Sempre que eu via uma silvestre flor, /beijava-a, e adeus dizia ao meu amor."*

Flores pela casa lembram momentos especiais e fazem o coração bater mais forte, como se conseguissem repetir a mágica do instante no perfume e nas cores, com amor e alegria. Encontro em Dorival Caymmi, *"Nada como ser rosa na vida /Rosa mesmo ou mesmo rosa mulher / todos querem muito bem a rosa...// Rosas formosas são rosas de mim..."*

A visão das flores pode ser romântica quando escolho rosas vermelhas, por exemplo. A cor da flor escolhida marca presença e dá o toque especial na ocasião. Cartola escreveu que *"Bate outra vez/ com esperanças o meu coração...// Volto ao jardim / com a certeza que devo chorar / Pois bem sei que não queres voltar para mim// Queixo-me às rosas,/ Mas que bobagem/ As rosas não falam / simplesmente as rosas exalam/o perfume que roubam de ti,..."*

O mistério aqui é a beleza das flores que movimentam a vida: sorrio ao apreciá-las pela importância na estimulação dos sentidos; ou seja, na natureza busco o prazer de viver e as observo como se elas fossem a naturalidade dos segredos: equilibram e inspiram e ao senti-las espalho palavras e boas vibrações. Como demonstra Helena Rotta de Camargo, *"As flores da amizade, mesmo depois de mur-*



chas, preservam um aroma peculiar...”

O contato com as flores estimula a minha imaginação e me ajuda a entender os conceitos do tempo, como saber que o girassol tem o da realização. Além de embelezar a paisagem as flores permitem peculiaridades na palavra escrita, como Júlia Du Bois descreve, *"O girassol segue o sol/ O sol guia o girassol /Ai, meu Deus, o girassol/é tão belo/ Ficou até amarelo"*.

Flores transmitem sensibilidade, assim como poetas transitam artes. Suas conquistas são incentivos para reinventar a vida e escrever sobre as flores, com significância. Geraldo Vandré, no final dos anos 60, fez *Prá Não dizer Que Não Falei Das Flores*, *"... ainda fazem da flor /Seu mais forte refrão/E acreditam nas flores /Vencendo o canhão //... Os amores na mente / As flores no chão /A certeza na frente /A história na mão / Caminhando e cantando / E seguindo a canção / Aprendendo e ensinando/ Uma nova lição."* Craci Dinarte, nos anos 80, revela *"Se as flores falassem,/ fariam de amor, sol,/ calor e liberdade. // ... Se as flores falassem... /Ou falaram-me?"*

As flores simbolizam desarmar o outro e contornar conflitos. Aliviam os males da alma, tornam a vida mais bela, despertam felicidade; são poderosas armas de conquista na demonstração de receptividade e acolhimento.

Somando os pontos, as flores são uma espécie de elixir mágico, vistas como transformação do tempo. Lembram que cada dia deve ser cultivado com gestos e regras amigáveis de maneira pessoal. Nas palavras de Sonia Regina, *"... no vaivém do vento as flores se completam / e a nossa nudez realiza o movimento dos astros..."*



DESCULPA SINCERA

*"... Não venha me pedir desculpas. / Não
venha ao meu encontro. / O fim de tudo
aconteceu. // Você matou a flor!".
(Inês Mafra)*

Desculpa sincera é aquela que, atrás do ato, existe como razão para ser aceita. A desculpa superficial é a em que, simplesmente, se passa a mão na cabeça, dá-se tapinhas nas costas, sem motivo para acreditar; como na desculpa esfarrapada que estira tanto a corda que acaba arrebitando com a verdade. *"... pouco importa o quanto minto quando nego / se sangrou sangrou em vão já nada medra / neste chão onde brotava todo o espanto..."*. (Márcia Maia)

Existem tantas desculpas quantas forem a criatividade das pessoas (sem avaliar o estrago que podem fazer à vida). O ato mentiroso dói e a desculpa, às vezes, ajuda a esclarecer, para a dor sumir, mas, noutras, acentua, prejudicando ainda mais o outro por não ser sincera, ser apenas engodo. *"Ousa dizer a verdade: nunca vale a pena mentir. / Um erro que precise de uma mentira acaba por precisar de duas"*. (George Herbert)

Fatos são fatos, não podemos mudar a natureza das coisas. Horários são horas a serem cumpridas, não fazemos voltar o tempo, como em Thereza Christina R. da Mot-



ta, "... Os relógios se detêm / sobre as horas mortas..." A invenção da verdade é usada por quem inventa uma desculpa. Não podemos gastar o tempo testando as pessoas, nem reinventando os fatos que mais tarde servirão de esfarrapadas desculpas.

É preciso decidir qual a vida e quem queremos ao nosso lado e à nossa frente, por que não necessitamos de desculpas para saborear a vida. Convivemos com fatos e acontecimentos, no dia a dia, em que as desculpas não trazem de volta a nossa dignidade e a nossa razão de ser.

Errar é humano, persistir no erro, burrice. Ouvir desculpas pelo erro intencionalmente cometido é nos descon siderar como pessoas capazes de reconhecer o certo, o errado e o falso e, nesses casos, não há sinceridade na desculpa.

Penso que atualmente as palavras perderam seus significados. Como perdoar alguém, se a desculpa não é sincera?



HORIZONTE

Falar das mães é mergulhar e passear num mundo onde as imagens e as histórias inspiram e surpreendem, pela personalidade e estilo de liderança que elas apresentam: tocam suas vidas, o cotidiano e ainda cuidam das famílias. Nas palavras de Ronaldo Monte; *"... um azul luminoso, um vento generoso e um espelho de mar ávido de horizontes... Mas, nossos passos andam alheios a qualquer destino..."*

Como a mãe Lenita, que lembro andando pela cidade e que me leva a pensar nas voltas que a vida dá. Ontem, cuidava dos filhos. Hoje, os filhos cuidam dela. Em nove décadas ela acompanhou as mudanças e os ajudou a entender o que era importante e, no seu papel de mãe, mostrou coragem e amor; inspiração e emoção; vontade de ensinar e aprender, como valores para mudar um dia de cada vez e reconhecer o espaço em diferentes esferas da vida.

Aos 96 anos, passa seu tempo experimentando sabores e provocando reações que transformam seus dias. Num dia chuvoso, o seu aniversário. No outro dia, em sua cadeira de rodas, senta-se junto à janela e ao olhar para a rua, indaga: *"Observo a quantidade de carros que passam; de onde vem? Para onde vão?"*. Presa em seu tempo, imagina as vidas que passam em cada sinal aberto ou fechado, como se olhasse no espelho as vidas desconhecidas. Conscientemente, sofre por que o corpo não a ajuda, nem mais acompanha a sua vontade; apenas reflete sobre novas experiências.



Porém, com o Sol radiante, ouvindo Oswaldo Montenegro e Martinho da Vila, diz o quanto gosta da boa música e como arquiteta o seu pensamento na medida do tempo.

Um dia depois do seu aniversário de 96 anos, espia a esperança diante da janela que se tornou o seu mundo, seu vínculo de sobrevivência. Serena e perfumada, admirada com o que vê, pensa em Deus e agradece pela vida. Hermenegildo Bastos escreveu que *"...a cada contrário,/mas amo por amar que é liberdade."/por todos os sons,/ encravados no tempo. //roucas as vozes, / horizonte elástico...."*

Eu, na minha impotência, apenas a ajudo com palavras e sorrisos, com o que penso aumentar um pouco o seu horizonte, assim como, com a leitura que lhe fiz dos poemas de Hermenegildo Bastos, *"Sonhar é o homem. contra./ contra si próprio./mas somos humanos./é que nos invadimos...";- "... e nós?/ quem somos? / arremessamo-nos à rocha. // entre a ferida e a beleza. / arrojamo-nos..."; - "... a história é o limite, /e somos, e a revolta./vestidos de tempo./ e o tempo, uma caixa se abrindo..."*.

A sua expressão de satisfação transforma os nossos horizontes. Ela reage como se fosse um novo dia; nova sensação em cada som e no vento que a cerca. A saudade e a lembrança refletem o seu horizonte, como nas palavras de seu filho Pedro Du Bois, *"Penso no que me acalenta / minha mãe / como imagino tenha sido/no início da minha infância. //... Encontro em você/os sinais necessários/ao encerramento do ciclo / que começou há tempos / e se repete por inteiro"*.

Questiono que o horizonte tem vários significados e está no que a pessoa alcança como significante: janela aberta, Sol brilhante, vida em movimento, chuva batendo na vidraça ou, simplesmente, o vento chegando com as palavras de T. S. Eliot, *"o que poderia ter sido e o que foi / convergem para um só fim, que é sempre presente."*



O PODER DOS CINQUENTA

*"Tornamos os números a invenção
soberana da soberba..."*
(Pedro Du Bois)

A história e a inspiração dão significado à tradução dos instantes, em números: aniversário, nascimento e morte.

Reconto em números a minha trajetória: datas questionam onde a vida se multiplica e divide o sentido simbólico aprisionado em números, que refletem o tempo na contagem dos dias ao reter na memória a história.

Incontáveis sonhos são a janela da alma, onde encontro riquezas culturais com suas diferenças nas histórias (in)comuns.

Números são importantes para ordenar, classificar e quantificar os fatos através das lembranças. Os cinquenta anos de casados, por exemplo, marcam o amor que envolve a arte da convivência e as inúmeras alegrias vividas. Ao deixar me consumir pelos cinquenta anos, o espírito guarda o frescor e a liberdade em ritmos repetidos ao som do começo, como retrata Pedro Du Bois, *"festa de quinze anos / bodas de prata / aposentadoria // presentes da vida interior"*.

Particularmente, gosto do número cinquenta, porque é marco mágico e simpático. Ele vem a ser, probabilística-



mente, a metade do todo, em função dos fatos contabilizados: a vida, o dia ensolarado, o amor, o jogo do nada, o preço a pagar e a receber, os volumes da obra literária, o sorriso da criança e a arte de voltar a ter esperança. Manuel Bandeira, ao completar 50 anos, apresentou sua obra *Lira dos cinquent'anos* (1944).

Através do número cinquenta posso ir além até encontrar na literatura as histórias fantásticas, intrigantes e instigantes, como em Rubem Braga, no livro *50 Crônicas Escolhidas*; considerado um dos maiores cronistas brasileiro, mostra suas ideias políticas, cotidianas e poéticas, definindo sua face de homem e escritor como “uma identificação da alma”.

Outra obra é a do escritor W. J. Solha; ensaios, resenhas e artigos que descrevem a arte dos escritores de maneira instigante e atraente, em *Sobre 50 Livros Que Eu Gostaria de Ter Assinado*. Leva o leitor a sonhar com profundidade filosófica, pois, reflete a busca pela descoberta de novos autores e a referenciar seus valores. Solha desvela que a verdade precisa ser lida, vivenciada e vista; por isso, sua apreciação de 50 livros. A obra atinge a necessidade do inconsciente coletivo, qualidade *versus* literatura, ao retratar personagens complexos e fascinantes, com fôlego criativo e narrativo. Ele também conduz o leitor a pensar, aprender e a se surpreender com seu talento na arte de escrever.

Encontro em Jorge Xerxes a literatura despojada que revela vários aspectos da vida humana em seu livro *As Cinquentas Primeiras Criaturas*; são poemas, crônicas e contos. Criaturas, por que trata do descabro e da queda da humanidade, manifestados de maneira incomum, mas com arte, sensibilidade e criatividade. E, Sueli G. Frosi, no ensaio *Cinquenta Tons de Alguma Coisa*, descreve o ponto de vista da vida sexual.

Busco nos números a iluminação como guia de orientação sobre a ascensão. Mais do que interpretar a vida, re-



velo o poder dos cinquenta, como reflexão sobre escolhas e sentimentos. O poder dos cinquenta representa os fios da verdade na qual a metade é desenrolada pela vida que ainda está por ser vivida. O poeta Pedro Du Bois questiona, *"Quantos cinquenta anos / precisarão ter / enquanto / as mães / os olham como crianças?"*



DECISÃO

É hora de descomplicar, de conhecer o caminho para as soluções. Informações na hora certa geram confiança e me levam a tomar a decisão. É hora de reconhecer as características da decisão no rumo para percorrer o caminho e escolher as cores. Para Carlos A. Lima Coelho, *"... É como se estivéssemos plantado na vida / A semente da alegria e do prazer / E regando com o suor da luta, vencer"*.

É hora de buscar novos horizontes para mudar a realidade e transformá-la em qualidade de vida; agir para decidir, sem perder o prumo e o rumo, que são passos marcantes no ritmo da vida, pois, quando sei as respostas, a vida vem e reformula as questões, como retratado nos contos de Carlos Higgie, *Hoje Não*, e de Carlos Trigueiro, *n'O Jornalista*.

É hora de tomar a decisão para não depender da sorte e definir cada etapa vivida que se apresenta no cotidiano, com o olhar que intercala a imagem registrada e escolhida nas diferentes situações; assim, em Lima Coelho, *"Inspirei-me como um poeta/ Imaginei mil coisas belas/busquei no íntimo aquarelas /Criei cenários, atingi a meta..."*.

É hora de misturar referências com as experiências, para demonstrar a busca pelas situações que dão voltas e mais voltas para a decisão. Pedro Du Bois ressalta, *"desdigo a certeza/apago as pistas/ enredo o espírito /em novas conquistas /com que me jacto /da certeza em levar a vida..."*.



É hora de ter voz para ser acreditada e coragem para apresentar o meu ponto de vista em relação às preferências e à opção desejada. Aqui, relembro Chico Buarque na música *Cálice*, de 1978, em que ele esbanja independência e se destaca pelo conhecimento, surpreendendo-me em cada decisão na escolha das palavras e expressões.

É hora de perceber que não existe sensação melhor do que participar do momento de decisão. Imagino como seria belo o mundo se as pessoas descobrissem qual o rumo a seguir, a quem amar e quais os seus talentos. Com certeza a vida passaria por boas mudanças e sentiríamos orgulho das conquistas. Como Carlos Pessoa Rosa revela no conto *Não curto muito as mudanças*, revelações que também encontro em Carlos A. Lima Coelho em seus livros: *Um Novo Amanhecer* e *Novos Rumos*.

Hora de decidir na medida e no tempo certo, por que, quando desejo demais ou de menos, essa atitude me é cobrada; a vida moderna exige que se opte cada vez mais rápido em alternativas para ganhar tempo; mas preciso dar preferência à opção pela felicidade. Guilhermino César escreveu, *"Inventar uma linguagem / em que as palavras sejam / nada mais do que sorrisos..."*.

É hora de reconhecer que decidir é atitude corajosa que ainda assombra as gerações: mudar de opinião, ser referência e enfrentar o desafio, para muitos, não é fácil, por que há de se decidir por qual lado seguir e isso mexe com a capacidade de dar um passo de cada vez e, com coragem, ir em frente. Mário Chamie expressa, *"... e o peso da palavra, /que, mal falada, /não dizia /o que dizendo, calava"*.

Decidida, posso mostrar diferentes estilos, referências e flexibilidade, de acordo com o tempo e o assunto. É fascinante desvendar a diversidade e me reconhecer nas diferenças e semelhanças, que a vida toma o sentido idealizador e o transforma em projeto. Esses ideais espalhados em diversas temáticas geram a infinitude de riquezas dos



detalhes, por tratar da minha escolha e decisão para sensibilizar as pessoas. Tal atitude me leva a alcançar expressivos resultados, fazendo com que perceba haver tomado a decisão certa. Como expressa Álvaro Pacheco, *"É tempo de caminhar/a extensa sementeira / tirar flores das raízes / cravar-se em sim, sou feliz // É tempo, pois, de amar /as raízes e as nuvens/e deixar no canto puro /o claro rastro do homem"*.



TRAVESSIA

*"... Não há segredo na / travessia da palavra."
(Sonia Regina)*

Travessia é passagem que marca a nossa vida, enquanto nela trocamos experiências e incentivos. Milton Nascimento, em *Travessia*, "solta a voz" e homenageia Elis Regina, pois a considerava "a voz de todos nós". Cruzamos etapas, por mais árduo que seja o caminho. Energias se adensam na liberdade de expressão e assim nos deparamos com nova travessia, fosse a paixão dois pontos que se unem e se cruzam. Como cita Humberto Mello, *"tem hora que a vida pesa / e murmúrios me atravessam / me deito e corto as veias / com a lâmina de um verso..."*

Ao fazer a travessia, tentamos juntar os pontos do dia anterior. Atravessamos o olhar quando o Sol se põe e a Lua surge. Inauguramos em cada travessia uma nova vida de (r)evolução, fazendo da poesia sentimentos, como em Nídia Bolner Weingartner, *"...a poesia chega primeiro à sensibilidade e à emoção. E chega para ficar, porque as mais das vezes, pelo prazer que nos proporciona..."*

A travessia costura as forças do bem e do mal, do alegre e triste; do bonito e feio; entre o doce e o amargo. Ponte que leva o ser humano a viver o amor e ter atitudes correspondentes. O amor nasce das palavras com que cada travessia encontra o gesto e o caminho para viver. A pon-



te para amar é amar-se e, quando conseguimos, estamos prontos para o outro: cruzamos sentimentos. Atravessar a vida amando é renovar-se com palavras. Para Jurema Carpes do Valle, *"Travessia // ...Luta /Avança/Divisa a praia à distância/E deseja apesar da sua finitude /Alcançá-la."* e, em Lindolf Bell, *"...Atravesso o avesso/ E meu barco de travessias /é a palavra terra / cercada de água por todos os lados..."*

A travessia é dúvida e certeza, ponto de interrogação e de exclamação. Horas que esparramam fragmentos em nossas vidas. Atravessamos o escuro e tudo começa a se colorir, mas, ainda sem definição. São várias as razões que nos levam à passagem da vida, por que vivemos enquanto convivemos na diferença e cruzamos as ligações pessoais, como no poema *Travessia Das Isabéis*, de Geraldo Mello Mourão, e nas palavras de Max Martins, *"Dados os laços/ lançam-se os dedos /os dedos-dons, suas lanças /à travessia..."*

Atravessar o mundo é se descobrir e espalhar o vento sem a poeira. É viver a travessia das distâncias, onde imaginamos o sonho... Aspiramos o som do infinito e vamos ao encontro da conquista, como em Pedro Du Bois, *"... Falo em não ousar/ a travessia e ir sob a estrutura: molhar o corpo, /deixar cair o corpo, descorporizar.//Falo sobre pontes desnecessárias/ unindo (ligando) travessias / ignoradas. Falo do bem-estar".*



QUEIXAS

*"Para que tanto queixume //... da Saudade / coração que
a dor invade / numa onda de perfume..."
(Ernani Rosas)*

Queixar-se é manifestar descontentamento. É impulso e emoção; a iniciativa que move as pessoas rumo a uma vida mais justa em prol do seu bem-estar. Ao me queixar não estou colaborando para o crescimento pessoal e cultural, que o importante não é reclamar, mas, denunciar o mal e ter consciência dos atos.

A queixa é instrumento pelo qual não posso conquistar o que desejo e nem transformar em aprendizado e produção essa inquietude interior, como revela Pedro Du Bois, *"Aos que se queixam/da rapidez das horas//desdigo/ a eternidade /esvaziada / em corpos/e almas //o esquecimento/ se apropria da ideia /e permanece."*

A diferença está na consciência, por que uma coisa é usar a queixa em meu favor, para equiparar a perda/ofensa, outra, é medir forças só com palavras: reclamar e não tomar nenhuma atitude. Esse processo não me estimula a enfrentar as situações que a vida apresenta. Helena Kolody escreveu: *"Queixa//Tu, Senhor, que repartes os destinos:/ Por que me deste o ávido quinhão/Do sonho, de tristeza e solidão?"*



Percebo que os poetas dão significado às queixas ao repercutirem sentimentos e os reais problemas no decorrer de seus convívios em vivenciadas crises, como em Lêdo Ivo: *"Queixa do editor de poesia // Poesia não se vende, /ninguém entende! / – suspira o editor./Poesia! Poesia!/ Ninguém te entende./És como a morte e o amor."* Os poemas respaldam o relatar das queixas, onde encontro a mudança desfrutando da literatura como guia de vida entrelaçada ao questionamento, como reclamação da realidade.

Ao olhar sobre as situações percorridas em caminhos diversos o importante é reagir à dor, ao vazio e a todos os tipos de preconceitos, como disse Nilto Maciel: *"Efêmera existência,/a cadeia de ilusões.//... quando cuidamos, /tudo termina em nada, / tão ilusoriamente / como uma queixa efêmera."*



O FORASTEIRO

Sentada no banco da praça, em frente à Catedral e à Feira do Livro, em Passo fundo, ouço o sino bater a cada quarto de hora, marcando a história do seu povo. Nesse momento, passa um forasteiro pela cidade de pessoas amistosas. Segundo Fernando Andrade, *"... Não fossem minha língua e a deles, /Seria capaz de ver/tudo a distância: tudo diferente /E tão parecido, às vezes..."*

É o *estranho* que troca olhares com o povo, e sua imagem se desfaz, antes mesmo de dizer qualquer palavra. Curiosos, todos o seguem com os olhos na esperança de que ele diga algo e, assim, possam descobrir por que veio até aqui. Foi para a Feira do Livro? Ou para a sessão de autógrafos do escritor Paulo Monteiro, patrono do evento? Ou estaria apenas de passagem?

O futuro é mistério e o povo está desconfiado de que ele possa trazer a forma abstrata do segredo. Mas, qual o segredo? Enredos mágicos? Estranhos costumes? Ele povoa o imaginário ao não se desvendar.

Pedro Du Bois, no livro *Incertezas da Vida*, mostra a sua visão, *"Sou estrangeiro/ estranho personagem/ vindo de remotos cantos //não trago palavras conhecidas /nem louvo os feitos históricos / faço desconhecidas as glórias /e abstraio os mitos e deuses // não me reconhecem na igualdade /as mãos são recolhidas /sorrisos fechados /cerradas as portas //sou estrangeiro com desconfiança...//não trouxe palavras de alento/nem a rima a métrica e o motivo."*



Vejo que o forasteiro encara a vida onde carrega a sua fome e, dentro da mochila, traz a história e a desconfiança. Transmite às pessoas o medo para com o estrangeiro, levando-as a se esquecerem dos gestos de igualdade, por que não o acolhem. Sentem-se invadidas em seus espaços. Procuram explicar-se pelos difíceis caminhos da incompreensão, marcados na sinceridade com que demonstram serem incapazes de perceber o estranho em si mesmas. Nada lhes escapa: o modo de vestir, o andar, a cor dos olhos, o comprimento do cabelo, o cheiro, a sujeira e a falta do nome. O forasteiro altera o tempo de passagem enquanto revelação do segredo: a verdade aos olhos da incerteza, onde a memória se confunde, como no livro *"O Forasteiro"*, de Walmir Ayala, com ilustração de Siron Franco (Coleção Arte para Criança).

Nesse mundo feito de palavras e cenas que se transformam pela qualidade da prosa e poesia, o forasteiro é alguém que subitamente chega sem voz e espalha a sua imagem, com o seu estilo, reivindicando espaço como personagem e buscando algo diferente numa sociedade que "pensa" se tornar cada vez mais igual.

Nas palavras de Ailton Maciel, *"Numa noite calma de algidez cortante,/de tétricas visagens a vagar,/passava assobiando um viandante/entre insetos noctívolos a voar!// De repente... parou por um instante /e, tácito, ficou a meditar:/ Pra onde irei em passo ofegante,/se não tenho um casebre onde pousar!?!// Pra onde irei? todos me querem um dia, / depois me deixam sem pousadia,/ à procura de um lar sempre a errar?// ...E saiu a correr o viajar./O seu nome reluzente era o amor,/meu coração, coitado, era o seu lar."*



PRIVACIDADE: ON OU OFF

*"Resta / único segredo / Não saber /
Que todos conhecem / Nossos segredos".
(Pedro Du Bois)*

Existe privacidade atualmente? Pergunto por ser cada vez mais comum as pessoas contarem seus segredos e intimidades nas ditas redes sociais. Chego a pensar que a privacidade se tornou valor ultrapassado, já que em tempo integral e real são postados dores, alegrias, opiniões, fatos e fotos da vida pessoal, sem constrangimento. "Acabou o *off* - escondido; agora é tudo *on*".

Na visão de Carmen Presotto, *"A diferença de outros tempos, é agora ter o aval social para reinar entre a tantos "chats", pois se quebrou a barreira do tempo e do espaço para se chegar ao intransponível"*. Minha maior inquietação é a medida de exposição, no quanto e como. Nas palavras de Pedro Du Bois, *"...muitos habitam nossas imaginações// deles tiramos o que personalizamos de ruim ou pior // no que somos expostos"*.

Reconheço que hoje as pessoas se expõem no sentido de se mostrarem como algo a ser exibido e visto/mostrado nas telas com o objetivo de desvelar suas vidas. Acredito que as pessoas nas redes sociais mudaram o significado da palavra "privacidade", dando-lhe outro valor ao postarem em detalhes suas intimidades.



Minha dúvida é se os valores transmitidos não mais existem em resguardo próprio. Dignidade? Fidelidade? Pudor e respeito pelo próximo? Resta algum caminho ou sentido? E os momentos de intimidade que geram confiança mútua, ainda somos capazes de guardar essas experiências e as emoções em nossos corações? Ou nos sentimos tão sós que necessitamos compartilhar nossa vida íntima nas redes sociais? Mas, o que lucramos e o que perdemos? Oscar Wilde escreveu que *"Vivemos num tempo em que as coisas / desnecessárias são as nossas únicas / necessidades. // Hoje, sabemos o preço de tudo e o / valor de nada"*.

Penso nisso e tenho preocupação para com as atitudes das pessoas, com a segurança da família e com a ilusão de ser real a mentira, confundida com a verdade. Tudo acontece muito rápido e não temos como nos arrepender disto ou daquilo, que não há como voltar atrás. Tudo funciona como extensão da mente, quando os momentos de plenitude parecem estar certos e, ao mesmo tempo, pode acontecer de eles estarem errados e distantes; parece ser apenas uma chance para teclarem o que desejam transmitir, fazendo de conta que têm o controle da situação.

Na era da informação o bom é ter cuidado no diferenciar a ficção da realidade; a verdade da mentira; que se misturam e muitas vezes invertem a situação de acordo com interesses pessoais. Ter consciência sobre o que transmitir nas redes, que o destino é desconhecido e não há como controlar o que é postado. Considerar autenticidade e transparência como valores importantes. Ter visão crítica do conteúdo que recebemos e perceber quais os relacionamentos superficiais. Considerar ser a convivência "virtual" mero passatempo, no qual nem sempre podemos acreditar com o que/quem estamos conectados. Não esqueçamos que "nem tudo que reluz é ouro". Elbanice Vargas revela, *"Criam-se situações pelo fato de terceiros invadirem a privacidade alheia com o intuito de interferir"*.



É interessante descobrir o que somos capazes de carregar para nos fortalecer. O correto é decidir o que realmente importa na nossa privacidade. *On* ou *off*? Podemos perceber a nova maneira de ver a vida e rever os princípios ao manter coerência entre discursos e atitudes. Ainda existem valores a serem preservados.

A privacidade não tem bula, nem manual de instruções, somente o desejo de tê-la ou não e de querê-la *on* ou *off* nas telas da vida.



O BURACO

*"Escrevo duro / escrevo escuro / Neste muro /
o que procuro, o furo."
(Max Martins)*

Através da palavra é possível redescobrir na expressão o nome como reconhecimento de que o *buraco* existe e significa, segundo o dicionário, abertura, intervalo, orifício artificial ou natural, orgânico, geológico, planetário, cósmico estelar, concreto e mesmo abstrato. Lêdo Ivo questiona, *"Que pretende Deus/ com tantas estrelas / e buracos negros /no espaço infinito?"*

É imprevisível o destino que encontro na palavra *buraco*. Cada mudança indica o objetivo de situar a palavra na realidade, no comportamento e, ainda, alcançar a concisão. Contudo, ele é considerado símbolo em várias áreas e assuntos: *buraco* (jogo de cartas); *buraco* da fechadura; *buraco* negro; *Buraco na Sombra* (refúgio para sobrevoar o esquecimento); *O Buraco* de Máluca (interrupção das camadas da retina na área central da visão). Também, existe o mito de que sonhar com *buraco* no solo representaria aspectos escondidos da vida, e sonhar que caiu no *buraco* simbolizaria problema em sua vida.

A palavra *buraco* apresenta inúmeros sentidos através das várias linguagens. Saliento a literária, como o *best-seller* de Ken Follett, *O Buraco da Agulha*, de 1978, em



que o autor conta uma fração da história da Segunda Guerra Mundial, seguindo temática entre a ficção política e a trama de espionagem, ou *O Buraco do Espelho*, de Arnaldo Antunes, "*O buraco do espelho está fechado / agora eu tenho que ficar aqui / com um olho aberto, outro acordado / no lado de lá onde eu caí...*" Há também o livro de contos de Rubem Fonseca, *O Buraco na Parede*, "*ao remover o quadro descobri um pequeno buraco na parede. Olhando pelo buraco vi a banheira com chuveiro e uma parte do vaso sanitário... Você não fala nada a ninguém sobre o buraco na parede?...*" Na literatura infanto-juvenil, Sérgio Caparelli oferece *O Buraco do Tatu*, "*O tatu cava um buraco / a procura de uma lebre / quando sai para se coçar, / já está em Porto Alegre...*", e Tony Bellotto, com humor, traz o romance detetivesco *No Buraco*.

Escritores revelam em imagens os mistérios do *buraco*, como em Benedito C. Silva, "*Buraco Negro // De tão perdido/Fui consumido / sem nenhum sentido*". Considero ser o estilo, na arte literária, o alargar de seus domínios semânticos por meio de criações que o alimenta em formas sinuosas e gestos, no intuito de exigir a nossa participação na contemplação, na leitura e na crítica que, aos poucos, acompanham a transformação do significado das palavras. Na eterna competição entre eus significantes e na transfiguração da sua tradução, com a finalidade de atingir o leitor.

As artes se fundem e aumentam o ilusionismo das inspirações em palavras e imagens que refletem as diferentes interpretações e desdobramentos do que seja, efetivamente, o *buraco*.



*“Os fios que tecem nosso
destino, ora se apresentam
frágeis como teia de
aranha; ora resistentes
como a corda do
cada falso”*

Helena R. de Camargo



MAR

*"Não tenho mares / tenho a garganta seca /
e as palavras navegáveis."
(Lúcio Lins)*

Pergunto pela autenticidade do mar. É justo perguntar, afinal, não se banha duas vezes nas mesmas águas. Já não sou a mesma jovem que viu a lua nascer e o sol morrer ao me ofertar nas delícias dos verdes mares. Geraldo Mello Mourão, em *Invenção do Mar*, leva a descobrir o sentido das palavras, da poesia de origens com modulações, como as ondas do mar.

Imagine a sensação do mar em passadas saudades: é estar sensível à lembrança do mar no mundo que passa não passando, para quem o perdido se encontra. Os poetas sabem dizer, Lêdo Ivo, "*O mar às avessas: / as constelações / são navios...*"; Alcides Buss, "*O mar ali, / tentador de luzes mil / ou melhor traçado de luz...*"; e Carmen Presotto, "*No mar / o repuxo // nos pés a liberdade // Nas mãos / a maresia // ao fundo, / luzes púrpuras de não ser mais o ser do acaso.*"

O mar representa não apenas o modo de ser do tempo, mas o alcance da imaginação com a dimensão, a nitidez que qualquer um pode ver no reencontro dos mares, e que em algum lugar as águas guardam: "*... O porto, a espera / a segurança / mais tua alma / quer o mar / na*



sensação desta viagem aventura / de viver (e se encontrar)", em Violeta Formiga.

O mar é seleta matéria poética, com ritos que as marés impõem, maravilhando a todos. O poeta Pedro Du Bois projeta nos livros *Amares* e *Mar Aberto*, águas nunca antes navegadas. Traz poemas que exploram a beleza das praias, juntamente, com as histórias dos pescadores, *"Da janela / sobre os edifícios / de Itapema vejo / o canto da praia e o morro do Cabeço. // Através da enseada / a beleza da ilha / das praias de Perequê / à ponta do Porto Belo. // Barcos singram as águas / ... O mar rendado homenageia a praia."*

Sensibilizo-me com a beleza do mar ao admitir conter a ilusão do amor e a força do silêncio nas palavras. Escuto por toda a parte a repetição das ondas, o som dos apaixonados e dos poetas. Ouço a voz do mar ao lembrar a vida.

Nei Duclós, em *No mar veremos*, desafia a expectativa silenciosa de achar respostas ao conversar com o mar, fazendo o tempo retroceder, mexer com a perplexa realidade.

Em *Águas Vivas*, de Miriam Portela, encontro *Mare-sias*, *"são tumultos / são ondas / marés / motins. / São vagas / tão bruscos / os movimentos da água / onde eu navego."* e, *Entre Corais*, *"Os cavalos marinhos/ com suas caudas torcidas / as medusas, os polvos / as arraías e as conchas / todo o universo / aquático / me convida a submergir / mas eu / eu respiro"*.

O mar é poesia de reencontros que permite ir além do sorriso promissor; pincela ousadia ao conduzir o pensamento para a vida de maior sentido, nele ancorado, e garante encontrar o que procuro: alcançar a plenitude dos sentidos.

ARTE NAS RUAS

As ruas funcionam como cenário e palco para o artista expressar a sua arte. É o local para chamar a atenção do público no sentido de mostrar pela arte a falta de oportunidade e a dificuldade em encontrar um lugar apropriado; Majela Colares revela, *"A cada/passo /um/instante // passo /por /passo / uma estrada //... em passo/a cada / instante /lá vai/a /vida"*.

O simples fato de ver alguém maquiado, mascarado e fantasiado, leva-me ao mundo da fantasia, onde tudo é possível de se imaginar, como em William Blake, *"O mundo da imaginação é o mundo da eternidade"*.

Ao assistir essa arte, penso num mundo de sombras, sons, surpresas, sustos e risos em que o artista, sem ter onde apresentar a sua criação incorpora ruas e sinaleiras para expor o seu trabalho em palco aleatório de luzes e cores, com ruídos surdos e áspera realidade. Com esforço, preocupação e desconforto ele personaliza a sua obra para atender as suas necessidades e aspirações, buscando caminhos inusitados em simples parcerias e encontros para representar e interpretar. Nas palavras de Maria de Lourdes C. Mallmann, *"Sob a roupa colorida /de pufes, tu-les, babados... vive um homem.../com sonhos acabados/ o coração ferido... e os planos despedaçados.// ...sob a pele do palhaço... bate um coração/ Um velho coração / Já não bate no compasso /mas o palhaço trabalha que o dinheiro é escasso..."*



O artista, ciente da realidade em que se encontra e das dificuldades cotidianas, propõe-se ao cenário das ruas, que se torna o seu único palco. Na repetição dos dias, o seu local de trabalho, de onde retira o sustento, como mostram Luciano Diniz, em *Poesia de Rua*; Sérgio Capparelli, em *Os meninos da Rua da Praia* e Carlos A. Lima Coelho, com *Cidadãos da Rua*.

Na maioria das vezes, percebo que as pessoas não dão importância ao trabalho e nem concedem o crédito que o artista merece, como reconhecer a sua luta pela sobrevivência através da arte de viver. Maria de Lourdes Mallmann enfoca, “... *É um grito de angústia e medo, de pura indignação/pela falta de justiça.../pelo descaso que existe dos homens deste País./Meu grito, só o vento ouve...se perde na imensidão. / Se acaba no marulhar das ondas que vêm e vão.../ Meu grito, só eu escuto*”.

Hoje vejo a arte nas ruas como novo significado da realidade que o artista procura na busca pelo espaço para a realização de diferentes encaixes na arte de viver; e que a conquista acontece em seu íntimo. Penso que, para o meu grito de apoio ser ouvido, o melhor seria fazer a justa avaliação da realidade em que vivemos, questionando se somos tão dedicados, justos, conscientes e competentes como imaginamos ser.



"ESCONDERIJOS"

Esconder-se? Esconder o que os olhos não veem? O que o coração sente na saudade, como a lembrança em busca da incerteza da vida? Que vidas poderíamos esconder se cada vez mais elas estão à mostra para quem quiser ver, sentir, optar e até mesmo para amar ou sofrer?

Nilto Maciel em seu poema *Esconderijos* retrata a realidade triste que fica escondida quando nos fechamos para ela, *"No corredor o que fazia a infanta? /Por que não ia, não fugia logo / ou não gritava ou não chorava muito?...// Não sou parede ou árvore de Deus, /não tenho ouvidos e não vejo nada,/nem sei me conduzir por onde passo,/e nada posso desejar por elas, /as tais meninas nos esconderijos"*.

É senso comum as pessoas se esconderem das situações desagradáveis. O que causa a sensação de que só podemos nos esconder quando não temos condições para resolver o que vemos e, assim, os esconderijos passam a fazer parte da vida. Também penso que é imprevisível o resultado, já que não se consegue mensurar com exatidão as impressões ou as emoções que de fato elas provocam, como ainda em Nilto Maciel, *"... Não sei o que a menina lá fazia/ naquela noite escura, aquela treva./Eu tive medo dela, sim, confesso, da solidão que a trouxe e abandonou,/ do seu silêncio de quietude feito./ Então fugi prá muito longe dela,/ aos gritos, louco, a lhe pedir socorro"*.

Quantas vezes temos quando nos escondemos? Esse é o poder nem sempre possível de classificar, mas que



aguça a sensibilidade sobre a situação, quando colocamos a máscara para não percebermos as pequenas tragédias diárias. Pedro Du Bois, em seu conto *Escondidos e Não se Mostram*, revela, "... Éramos e somos os escondidos, os que não se mostram e que não se enxergam e esse relato é apenas para que todos lembrem como é lá fora e fiquemos na proteção que há dentro de cada um de nós".

Em cada janela fechada procuramos vultos e não mais os encontramos, porque temos a casa, a cidade e a vida como esconderijos, onde cada descoberta está encoberta pelo desejo do que cada um tem vontade de ver.

Os escondidos se colocam atrás de biombos porque ocultam o outro lado: aquele que traz o desvelo do dia a dia e a luz do mistério. Eles têm o dom da incerteza onde a escuridão dos esconderijos traz a tristeza, como mostra Nilto Maciel, "... Tantas pequenas pelos becos sujos, /pelos caminhos tortos, sem sossego/e sem brinquedo, que pareço mais resto de gente a se perder na luz..."

Tantos são os escondidos e os esconderijos que a triste realidade e o medo inventam um mundo suposto, atendendo apenas cada desejo e ocultando a versão dos atos e as cenas do cotidiano. Nas palavras de Pedro Amaral, "... É uma tristeza sem adornos, / sem enfeite de lágrima...// É tristeza (assim seja) / De alguém que viu //... E não deteve o espanto".



TENHO UM CÃO, E AGORA?

Segundo o cientista Atsushi Senju, *"o cão tem a capacidade especial de ler a comunicação humana. Responder quando apontamos e quando sinalizamos"*. Escritores e poetas com liberdade espelham em palavras o sentido e o significado sobre o reconhecimento da presença do cão em nossas vidas.

Ter um cão é buscar o contato de sua companhia, pensar em ter um amigo fidelizado e o reconhecer como o melhor companheiro e guardião de suas vidas. O poeta Carlos Pessoa Rosa difere ao dizer que *"ruas /curvas de injustiças/onde cães/caçam piolhos e pulgas/e não ladram/ quando jovens roubam /a privacidade / de seus moradores"*.

Adalberto da Cunha Melo em seu livro *Cão de Olhos Amarelos*, desvela os mistérios da vida e da morte, na repetição pensada das ideias, *"Na cova de sombra, um cão,/ na calçada de um bar gemia./ Era um cão de olhos amarelos...// sua presença de sombra /era tão densa na calçada, /que as outras sombras tropeçavam..."*

No livro *"Memórias de um cão"*, de Virgínia Woolf, encontramos os mistérios da existência vistos através dos olhos do chamado melhor amigo do homem.

Mas, a pergunta que paira no vazio é: tenho um cão, e agora? Essa é a situação que sugere o respirar fundo e se questionar: cão do homem? Homem cão? Vida de cão? Pedro Du Bois, no livro *Os Cães que Latem*, busca verdades inalcançáveis, onde o homem desumanizado vive com



a desigualdade, o medo e a falta de ética, *"... os caminhos infames, flores sem estames, a luta, o ódio, morte, fuga. - / cães malditos!"* Betusko, em seu poema, mostra, *"É noite, os cães latem// todos os cães,/ os amantes partem, /todos eles vão..."*

Não posso deixar de questionar se a poesia e a literatura me faz entender, superar e restaurar em imagens os desencantos, como mostra Nilto Maciel: *"... Morava sozinho num casarão. Em suma: muita solidão. Nem sequer um gato para miar-lhe o silêncio, um cão para ladrar-lhe a escuridão..."*

Os escritores, ao descreverem a partir do cotidiano a vida do cão, retratam escuros tempos em que ouvíamos latidos de incertezas, como manifestações a comprovar a importância do cão em nossas vidas e que, ainda hoje, trazem o silêncio como reflexão, assim, nas palavras de Alphonsus Guimaraens Filho, *"E os outros passam, e as coisas gritam,/e os corações pobres, se atritam,...// Que é que vejo? Que é que ouço?/ (Rói calado cão o teu osso.)"*



A REALIDADE COMO VÍCIO

"... Sonhos reafirmados no acordar..."
(Pedro Du Bois)

À primeira vista não há dúvidas: viciada na realidade é a pessoa que fala a verdade, mesmo que em situação delicada, no sentido da expressão; quando poderia *dourar a pílula*, usa a expressão franca. Fala sem intenção de prejudicar e magoar o interlocutor. Nas palavras de Machado de Assis, *"No fim de uma coisa que acaba, há outra que começa... Ao cabo, só há verdades velhas, caídas de novo"*.

Não há dúvidas sobre o profissionalismo: viciado na realidade é o poeta que escreve o que sente e vê. Vende a ideia, sem cumprir roteiro pré-determinado, sacudindo a rotina ao apresentar cultura e história aos nossos olhos. Segundo Pedro Du Bois, *"Na metamorfose / metafórica realização // transformação / além das palavras / sentidos / além das ideias/vida além da literatura"*; para Leila Miccolis, *"Além das Letras? Há vida"*.

Não há como não sentir atração pelos livros e seus autores; viciado na realidade é o leitor que numa viagem não consegue deixar de visitar sebos e livrarias, mesmo que seja para dizer, *só estou dando uma olhada*. Mesmo fora do roteiro, é hábito prazeroso. Machado de Assis já dizia que *"Ler as obras dos poetas e dos escritores é hoje um dos poucos prazeres que nos restam ao espírito..."*



Viciada na realidade é a mãe que ama, protege e orienta o filho, e depois colhe os frutos. A vida é assim: o sentimento acredita em finais felizes para quem tem consciência da importância de cuidar dos filhos; como em João Guimarães Rosa, *"... como mãe gosta de um filho: orvalho de resflor, valia que não se mede nem se pede – se recebe"*.

Não há dúvidas para quem é viciado na realidade, ao ver a claridade no escuro; ao contrário de quem tem medo do escuro, estando claro. Podemos fazer para cada qual a sua parte, para que a vida se torne menos assustadora. Como mostra IGdeOL, *"Enxergo na luz / que agora reluz /A grande verdade / Que ver sempre quis:/–O mundo feliz,/... O sentido da vida!..."*

Tenho orgulho de ser viciada na realidade; o que significa sorrir para a vida, enquanto vivida. É a minha certeza. Ser viciada na realidade é ouvir histórias (re)contadas por Tatiana Belinky e se dizer participante, quando ocorrem variações no histórico pessoal, associadas às ideias, assim retratado por Gabriel Garcia Marquez, *"A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la"*.

Sorte? Penso nesta palavra por que, às vezes, a distância entre a sorte e o azar, a vida e a morte está na realidade como vício: amar para ser amado, como lembra Norman Doidge, *"O que uma pessoa imagina se torna um gatilho para as emoções e as ações..."*



A ARTE DE FAZER EXISTIR O FIM

"... Terá fim o / delito de viver?"
(Jorge Tufic)

Logo as páginas do livro estarão ocupadas pela gritante palavra: *FIM*. O que será que a palavra *fim* significa? Seria não ter nada mais para alcançar, nada mais por que lutar ou para buscar outra mudança? Ou o fim vem sempre acompanhado do novo? Pode ser o resultado de *na falta de...* "*Todos anunciavam por ele, sofriam com sua falta.*" Para efeito de exercício, imagino que o fim representa apenas a história que terminou. Muitas vezes, quando a trama está muito complicada, o autor opta por dar fim à história.

O dom das palavras e a liberdade dão vozes às pedras; fazem chover. Ao crer em tais figuras de linguagem, acredito na fantasia. Ocorre que, por definição, sempre estamos em busca da arte (fazer e escrever) e, por consequência, citamos e revelamos a questão específica: as visões do mundo e suas finalidades.

Nesta vida poluída pela multiplicidade de interesses, tudo é quase sempre absurdo, mas a finalidade é soberana e tem por meta evitar o "*fim*". É o contraponto necessário para dar fim ao medo, à infelicidade, às queixas, à inversão dos valores. Com nitidez, o fim apresenta argumentos para serem expostos em ideias refletidas nos poemas:

: "*Fim//eu vou no meu tempo, quando a hora chegar,*



sem barbáries químicas ou tecnológicas." de Carlos Pessoa Rosa;

: *"Poderíamos ter sido o começo/fomos o fim/ encerrando luzes /e amores//poderíamos ter sido o início /fomos o consumido/fechando as portas/ aos que começam// dos amores nenhuma notícia / ou comentário"* de Pedro Du Bois;

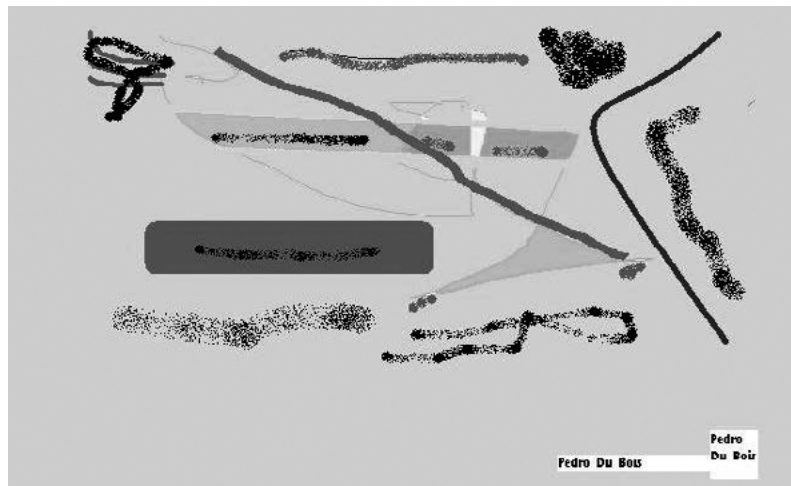
"Fim do mundo// o planeta vira poeira./ A terra vai acabar..." de Luiz Coronel;

: *"... assim/ desligo calada/ antes de você dizer a/ palavra /- fim-/antes de lhe conceder o tempo/ que faltava/ antes de deixar querer/ voltar/ para mim"* de Márcia Maia.

Poemas são perfumes que inebriam a magia, feitiço. Percorrem o transcurso do tempo e dão à vida o bom desfecho da vida eterna. A poesia embrenha-se na alma, domina cabeças e se faz na percepção da pessoa. Ela não tem fim, tem início; podemos perceber que a literatura está vencendo sua longa luta contra o tempo, pois, tem vínculo com os diversos contextos da vida. Como retrata Alphonsus Guimaraens Filho, *"Escrevo apenas: fim. Escreveria/sempre? Não sei. O poema terminou.... /E nem sei por que escrevo: fim. Que fim?"*

A arte de fazer existir o fim pode ser o início de nova vida, de transformação, de novo capítulo na história: fim da ditadura, início da democracia; fim da mariposa, transformação em borboleta. Para Lavoisier, não há fim, *"Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma"*.





Pedro
Du Bois





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Berthier®
GRÁFICA EDITORA

(54) 3313.3255

berthier@grafica.com.br

Passo Fundo/RS



TÂNIA DU BOIS, residente em Balneário Camboriú, SC. Pedagoga. Articulista e cronista; textos em diversos portais, sites e blogs literários. Organizadora e revisora de textos; capista de livros. Colunista d'A Revista de SC. Autora dos livros *Amantes nas Entrelinhas* e *O Exercício das Vozes*.

“

Tânia Du Bois autopsia os sentidos ao refletir a vida como livro a ser reescrito, enfeitando a luz que alimenta e recria o presente. Em cada olhar, autopsia palavras que mostram o invisível caminho ao descrever o efeito do pensamento em crônicas, que definem a sensação de êxtase e fulguração ao mostrar a autópsia do invisível enquanto respiração do mundo no tempo.

”



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura